

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA

ANGELA KALKMANN ROMANÓ SARTOR

**SUSTENTABILIDADE DA VIDA HUMANA E AS POSSIBILIDADES
DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO DOMÉSTICO**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA

2011

ANGELA KALCKMANN ROMANÓ SARTOR

**SUSTENTABILIDADE DA VIDA HUMANA E AS POSSIBILIDADES
DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO DOMÉSTICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná . Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Gomes de Carvalho

CURITIBA

2011

A todas que romperam estereótipos, e
criaram novas maneiras de ser mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores, funcionários e colegas do PPGTE pelas vivências e conhecimentos compartilhados.

Agradeço aos membros do GeTec pelos debates que enriqueceram significativamente meus conhecimentos sobre as Relações de Gênero.

Agradeço a todas as entrevistadas, que demonstraram disponibilidade e entusiasmo, participando de forma definitiva nos resultados alcançados.

Agradeço a Professora Marília Gomes de Carvalho pelo privilégio de ser sua orientanda, e pela atenção e olhar crítico durante a execução desta dissertação.

Agradeço a Professora Helena Hirata pela oportunidade de participar, como aluna especial, da disciplina Sociologia do Trabalho e do Gênero: comparações internacionais, que permitiu um aprofundamento de meus estudos ligados à Divisão Sexual do Trabalho.

Agradeço a banca examinadora pelas contribuições efetuadas no exame de qualificação, que motivaram a complementação da análise das informações obtidas na pesquisa.

Agradeço aos amigos e familiares pela compreensão e apoio, sobretudo nos momentos que eu não parava de falar no assunto, à Cidinha pela revisão do texto, ao sobrinho Ber e meu irmão Ruy pela ajuda nas traduções de inglês, a minha filha Luisa pela leitura e colaboração na revisão, e em especial ao Riri, pelos obséquios tão prontamente atendidos.

“Nada na vida deve ser temido, somente compreendido. Agora é hora de compreender mais, para temer menos.”

Marie Curie

RESUMO

SARTOR, Angela K. R. Sustentabilidade da vida humana e as possibilidades da divisão sexual do trabalho doméstico. 2011. Dissertação (mestrado em Tecnologia) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

A sustentabilidade da vida humana, entendida como conjunto de atividades necessárias para o processo de reprodução social e manutenção da vida, por não ser considerada como trabalho produtivo, não tem sido tratada como prioritária para o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo. Desenvolvida basicamente por mulheres no ambiente doméstico, é palco de desigualdades e conflitos, onde mulheres que não conseguem dividir responsabilidades vivem a dupla, tripla jornada de trabalho. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer quais as estratégias as mulheres curitubanas, que possuem trabalho remunerado fora do lar com exigência de escolaridade de nível médio, estão utilizando para enfrentar este desafio, com quem e com o que podem contar. É uma pesquisa qualitativa-interpretativa, que entrevistou 15 mulheres e procurou entender o significado da divisão sexual do trabalho, isto é, como o trabalho doméstico é dividido entre homens e mulheres de uma mesma família, e qual é a participação do Estado e do empregador. Através dos discursos das entrevistadas percebe-se que o momento é de avanços e permanências, onde a reprodução de comportamentos convive com mudança de valores e atitudes. O modelo predominante da divisão sexual do trabalho, definido por Hirata e Kergoat, é o da conciliação, embora apareçam os modelos tradicionais e de parceria em menor escala. Destaca-se também a participação das avós na emancipação das mulheres mães trabalhadoras, que podem contar com as suas próprias mães, sobretudo quando não conseguem o apoio do Estado e do empregador, por meio de creches para seus filhos. No que se refere às inovações tecnológicas notou-se que contribuíram significativamente como poupadores de tempo e esforço para realização das tarefas domésticas, mas não representam o foco principal na divisão sexual do trabalho.

Palavras-chave: Sustentabilidade da vida humana, divisão sexual do trabalho, mulheres, dupla jornada.

ABSTRACT

SARTOR, Angela K. R. Sustainability of human life, and the possibilities of the gender division of domestic labour. 2011. Dissertação (mestrado em Tecnologia) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

The sustainability of human life, meaning the activities necessary for the process of social reproduction and life maintenance, as not conceived as productive work has not been treated as a priority for the development of the individual or the society. Performed basically by women in the domestic environment, it is the scene of inequalities and conflicts, in which women who cannot divide responsibilities face a double or triple day work. The object of this research is to know which strategies the working women of Curitiba, holders of a high school diploma, are using to go through this challenge, what services they can be provided and who they can count on. This qualitative and interpretative research has interviewed 15 women and tried to understand the meaning of the gender division of labour i.e. how is domestic work divided between men and women of the same family, and what is the role of the Government and the employer. Their testimonies evidence they are facing times of change and persistency, where the reproductive behaviour coexists with change of values and attitudes. The prevalent model of gender division of labor, defined by Hirata and Kergoat, is the conciliation, although traditional and partnership models also occur in a smaller degree. Grandmothers play a substantial role on the emancipation of the working women. They can count on their own mothers mostly when they cannot get the Government and employer's support through day-cares for their children. Technological innovations have significantly contributed as time and effort savers for the accomplishment of domestic tasks, but do not quite picture the main focus in the gender division of labour.

Kew-words: Sustainability of human life, gender division of labour, women, double day work

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Grau de instrução de Mulheres com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, na região metropolitana de Curitiba.....	13
TABELA 2 - Mulheres 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com 11 a 14 anos de estudo, região metropolitana de Curitiba, em 2009.....	14
TABELA 3 – Perfil das entrevistadas	49
TABELA 4 – Divisão das tarefas domésticas	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	OBJETIVOS	11
1.2	METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.....	12
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	17
2.1	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	17
2.2	TRABALHO DE CUIDADO.....	28
2.3	ARTICULAÇÃO TRABALHO E FAMÍLIA NO BRASIL	30
2.4	PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO TRABALHO DE CUIDADO	37
2.5	TAREFAS DOMÉSTICAS E TECNOLOGIA	39
2.5.1	Tecnologias Domésticas	43
2.5.2	Tarefas Domésticas: Padrões de Execução	46
3	ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	48
3.1	CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	48
3.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	56
3.2.1	Significado e Importância das Tarefas Domésticas e Construção Sócio-Familiar dos Modelos de Comportamento	56
3.2.2	Divisão das Tarefas Domésticas e Conflitos.....	62
3.2.3	Cuidado dos Filhos	67
3.2.4	Padrões de Execução das Tarefas e Tecnologia Doméstica	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICES	86

1 INTRODUÇÃO

A sociedade precisa, para sua sobrevivência, de um processo de reprodução social que envolva a continuidade e a manutenção da vida humana, disponibilizando para o sistema, pessoas saudáveis, bem nutridas, limpas e vestidas adequadamente. Essa tarefa vem sendo desenvolvida no ambiente doméstico e, frequentemente, por mulheres. Mesmo sendo considerada de importância fundamental, a sustentabilidade da vida humana, por não possuir valor mercantil na sociedade capitalista, não tem sido tratada como prioritária para o funcionamento da sociedade e desenvolvimento do indivíduo.

Por sustentabilidade da vida humana entende-se todas as atividades necessárias para dar estabilidade física e emocional para todos os membros de uma família, sejam eles dependentes, por motivo de idade ou saúde, ou não. Nesse entendimento inclui-se atividades relacionadas à alimentação, vestuário, afeto, saúde e socialização.

No Seminário Internacional sobre trabalho doméstico, realizado em São Paulo, em maio de 2008, Cristina Carrasco, feminista de Barcelona, destacou que a busca da igualdade na divisão sexual do trabalho não deve ser limitada à igualdade no mundo masculino, mas deve estar carregada de uma profunda ruptura dos padrões estabelecidos, que ocultam e desclassificam as experiências das mulheres.

O cuidado da vida humana tem sido enfrentado pelas mulheres, também de maneira desigual, dependendo da classe social a que pertencem. Aquelas com maior poder aquisitivo podem contratar empregados domésticos e comprar bens e serviços que facilitam a execução dessas tarefas. Por outro lado, as mulheres de baixa renda, que efetuam dupla jornada de trabalho, em geral, não podem contratar o serviço de terceiros e têm mais dificuldade de contar com o apoio do Estado através de vaga em creches. Quando, por algum motivo, não podem contar com a ajuda de outros membros da família, a situação para essas mulheres se complica.

A visibilidade dessa questão é importante para um debate em busca de uma sociedade menos desigual e com maior qualidade de vida. Para tanto, é fundamental conhecer: como as mulheres que executam atividades remuneradas

fora de casa estão enfrentando o desafio da reprodução social, da sustentabilidade da vida humana? Quais estratégias estão utilizando? Quais conflitos estão enfrentando? Com quem elas podem contar para garantir esta sustentabilidade?

A oferta de serviços públicos, como a disponibilidade de creches para crianças de zero a seis anos, por exemplo, pode significar uma importante participação no grau de substituição do trabalho doméstico, contribuindo com a possibilidade de permanência da mulher no mercado de trabalho.

O século XX foi marcado pela busca do desenvolvimento econômico e pelo avanço tecnológico como solução para inúmeras necessidades humanas e para o desenvolvimento da sociedade. Esta dissertação procurou também identificar que tipo de interferência e como as inovações tecnológicas estão presentes no cotidiano das mulheres que participaram da pesquisa, no trabalho doméstico e no processo de reprodução social.

Entender as estratégias adotadas pelas mulheres curitibanas que se enquadram nos critérios definidos para esta pesquisa, que trabalham fora de casa e são responsáveis pela realização das tarefas domésticas, envolve também as relações familiares, seja através da distribuição das tarefas com o parceiro e/ou filhos, seja na possibilidade de compartilhar o trabalho com membros da chamada família extensa.

Como conciliar e priorizar, tempo e necessidades, trabalho com valor mercantil e trabalho para a sustentabilidade, ascensão econômica, cuidados, afetos e gestão doméstica? Todas essas questões levaram a estabelecer a seguinte pergunta-problema: quais as estratégias que as mulheres que executam atividades remuneradas fora do lar, utilizam para atender as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, tradicionalmente consideradas femininas, e garantir a sustentabilidade da vida humana?

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral é analisar as estratégias que as mulheres com relações heterossexuais estáveis e mães, que executam atividades remuneradas fora do lar, com exigência de escolarização de nível médio, utilizam para atender a

responsabilidade do trabalho reprodutivo, do cuidado da vida de seus familiares e das demais tarefas domésticas.

Os objetivos específicos estabelecidos foram:

1 - compreender o significado que as mulheres atribuem às tarefas domésticas e a sustentabilidade da vida humana, e como ele foi incorporado na sua vida cotidiana;

2 - averiguar como ocorre a divisão das tarefas domésticas entre os membros da família e qual modelo de divisão sexual do trabalho doméstico é predominante;

3 - identificar a influência das inovações tecnológicas na execução das tarefas domésticas;

4 - identificar quais estratégias estão sendo utilizadas para o cuidado com os filhos.

1.2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Nesta dissertação optou-se pela pesquisa qualitativa, visando aprofundar o conhecimento sobre as estratégias adotadas, como essas estratégias influenciam o cotidiano e qual o seu significado. Foram feitas 15 entrevistas com mulheres curitubanas, que foram gravadas e transcritas. A opção pela pesquisa qualitativa–interpretativa¹ deve-se à crença de que para entender a sociedade em que se vive é necessário entender como as pessoas vivem, interpretam e constroem o seu cotidiano.

O compromisso da pesquisa é, portanto, lidar com os mundos naturais e sociais em que as pessoas habitam. Para entender melhor esses mundos, devemos nos concentrar sobre a construção social da realidade e as formas pelas quais a interação social reflete os desdobramentos das definições dos atores de suas situações (MOREIRA, 2006, p. 62).

¹ No sentido de reforçar o caráter interpretativo da pesquisa, utilizando as ideias de Clifford Geertz (1978, p. 19) que diz: "o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas".

Parte-se do princípio de que a realidade é construída socialmente e reproduzida pelos membros da sociedade, e que para entender esse processo, é necessário localizá-lo no seu contexto histórico, aprofundando o conhecimento não só dos fatos como de seus significados.

Dados do IBGE para 2009 (Tabelas 1 e 2) mostram que aproximadamente 40% das mulheres da região metropolitana de Curitiba, com 10 anos ou mais, ocupadas na semana de referência, possuíam 11 a 14 anos de instrução, do que se deduz, que teriam grau de escolaridade equivalente ao ensino médio completo, ou superior incompleto; quase 50% das mulheres com 10 anos ou mais, ocupadas na semana de referência, com 11 a 14 anos de instrução recebiam entre um a dois salários mínimos, e 80% recebiam até 3 salários mínimos.

TABELA 1

Grau de instrução de Mulheres com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, na região metropolitana de Curitiba.

Instrução	Número de mulheres	
Sem instrução e menos de 1 ano	19.000	2,4%
1 a 3 anos de instrução	42.000	5,4%
4 a 7 anos de instrução	135.000	17,3%
8 a 10 anos de instrução	127.000	16,2%
11 a 14 anos de instrução	310.000	39,6%
15 anos ou mais de instrução	147.000	18,8%
TOTAL	782.000	100,0%

Fonte: IBGE - Banco de dados agregados - tabela 1869

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1869&z=t&o=1&i=P>

Com base nesses dados percebe-se que a maior concentração de mulheres ocupadas possuía nível médio e tinha nível salarial muito próximo do mínimo exigido para contratação de uma empregada doméstica mensalista. Acredita-se que a possibilidade de delegação das tarefas domésticas, através da contratação de uma empregada doméstica mensalista, pode interferir

significativamente na divisão das tarefas domésticas, deixando menos explícita a divisão sexual do trabalho e os conflitos provenientes de tal divisão.

TABELA 2

Mulheres 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com 11 a 14 anos de estudo, região metropolitana de Curitiba, em 2009.

Faixa salarial	Número de Mulheres	
Até 1/2 salário mínimo	8.000	2,7%
1/2 a 1 salário mínimo	33.000	11,1%
1 a 2 salários mínimos	148.000	49,7%
2 a 3 salários mínimos	55.000	18,5%
3 a 5 salários mínimos	35.000	11,7%
5 a 10 salários mínimos	14.000	4,7%
10 a 20 salários mínimos	5.000	1,7%
mais de 20 salários mínimos		
Total com rendimento	298.000	100,0%

Fonte: IBGE - Banco de dados agregados - tabela 1869
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=1869#nota>

Sendo assim, estabeleceu-se que fariam parte da pesquisa mulheres que habitam e trabalham na cidade de Curitiba; moram com um parceiro e tenham relações heterossexuais estáveis; possuam atividade profissional formal remunerada fora do lar, com exigência de escolaridade de nível médio; e tenham uma renda pessoal não superior a R\$ 2.500, 00 (dois mil e quinhentos reais). Os critérios estabelecidos visaram obter uma amostragem que representasse a mulher curitibana do início do século XXI, que desempenha a dupla jornada de trabalho e que, por limitação financeira, não pode delegar as tarefas domésticas para uma empregada doméstica. Foi estabelecido um valor máximo de renda pessoal, para definir um limite máximo, a partir do qual, se supôs, não haveria uma clara limitação financeira para a contratação desse tipo de serviço. Procurou-se obter dados estatísticos do IBGE para confirmar essa suposição, mas de acordo com o próprio Instituto, ele não possui essas informações.

Justifica-se ainda, que a determinação de que a entrevistada deveria possuir um parceiro, foi motivada pelo interesse de se conhecer a divisão sexual do trabalho não-remunerado, realizado no ambiente doméstico.

A escolha das entrevistadas deu-se através da indicação de colegas que conheciam mulheres que se enquadravam dentro dos critérios citados, caracterizando-se, então, como amostra intencional. Procurou-se incluir na amostragem mulheres que trabalhavam no setor público e no setor privado, em grandes, médias e pequenas organizações, mas sempre com contrato formal de trabalho, pois era importante saber qual a participação do empregador no cuidado dos filhos de suas funcionárias.

As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2010, agendadas por telefone e, por opção de todas as entrevistadas, foram realizadas em seus locais de trabalho, algumas no intervalo do almoço, outras no lanche e outras no final do expediente. A duração da entrevista foi de aproximadamente uma hora com cada uma, percebendo-se que para elas era mais fácil dispor de tempo, para participar da pesquisa, enquanto estava fora de casa, do que em seu próprio lar.

Foram utilizados nomes fictícios e cada entrevistada escolheu o nome que gostaria de usar. A propósito, Amélia escolheu este nome para evocar a música: *Ai que saudades da Amélia* – de Ataulpho Alves e Mário Lago.

No início da entrevista eram levantados os dados pessoais, através de um questionário (Apêndice A) e apresentado um quadro que procurava estabelecer a divisão das tarefas domésticas entre os membros da família e/ou terceiros, que deveria ser preenchido antes do início da entrevista propriamente dita. Embora fosse um quadro que devesse ser preenchido com números/notas, ele não tinha um objetivo quantitativo. O quadro serviu como um momento de reflexão, quando a entrevistada teve oportunidade para pensar em seu cotidiano, procurando estabelecer a divisão do trabalho doméstico. A partir daí, iniciavam-se as entrevistas propriamente ditas, que foram gravadas e posteriormente transcritas.

Foi efetuado também um roteiro de entrevista, que serviu como guia. Nele foram relacionadas questões que deveriam ser abordadas durante as entrevistas, caso o assunto não fosse comentado espontaneamente (Apêndice C). A primeira

entrevista efetuada serviu como teste, possibilitando que as dificuldades vividas e observadas fossem avaliadas e corrigidas.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro esta Introdução, que inclui os objetivos e a metodologia utilizada.

O segundo é composto por uma Revisão da Literatura sobre a problemática da dissertação. Para efetuar esta revisão foi realizada uma pesquisa bibliográfica, principalmente com autoras brasileiras, francesas e espanholas, sobre a divisão sexual do trabalho em geral, e mais especificamente sobre o trabalho doméstico; o trabalho de cuidado e a participação do poder público e da família estendida; e as tecnologias domésticas. Procurou-se verificar se a literatura e o cotidiano das mulheres pertencentes à mostra escolhida foram coincidentes e se a teoria se confirma na prática do contexto histórico e social especificado na pesquisa.

O terceiro capítulo refere-se à análise do material empírico. Para tanto, foram definidas quatro categorias de análise: 1 - significado e importância das tarefas domésticas e construção sócio familiar dos modelos de comportamento; 2 – divisão das tarefas e conflitos; 3 – cuidado com os filhos; 4 – tecnologias domésticas.

O quarto capítulo é dedicado às Considerações Finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A dicotomia clássica que opõe o homem, a produção, o público e o trabalho remunerado, de um lado, e a mulher, a reprodução, o privado e o trabalho invisível e não-remunerado de outro, tem sido objeto de estudo de diversas áreas.

Hanna Arendt (2008) no livro “A Condição Humana” desenvolve os conceitos de trabalho e labor das esferas públicas e privadas, mostrando que, desde os gregos, a principal divisão da vida ocorria entre o que era vivido dentro e o que era vivido fora do lar. O que ocorria na esfera privada deveria ser ocultado e estava ligado ao processo vital, às necessidades físicas da vida. O privado não se faz conhecer, para os outros é como se não existisse, portanto sem importância e sem valor. O que ocorria na esfera pública deveria ser exibido e valorizado. Segundo a autora, essas ideias permaneceram, ligaram-se às noções de trabalho produtivo e improdutivo² e contribuíram para a formação do conceito de trabalho e labor.

Em outras palavras, a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo contém, embora evitada de preconceito, a distinção mais fundamental entre trabalho e labor. Realmente, é típico de todo labor nada deixar atrás de si: o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço, a despeito de sua futilidade, decorre de enorme premência; motiva-o um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele (ARENDR, 2008, p. 98).

O trabalho considerado improdutivo e invisível desenvolvido na esfera privada era, e continua sendo, vinculado à mulher. Entender essa divisão de tarefas, e se ela ainda permanece válida, é importante para o alcance dos objetivos da presente pesquisa.

Estudos a esse respeito se intensificaram a partir da década 1970, quando os movimentos feministas deram maior visibilidade a essas questões, surgindo

² No marxismo trabalho produtivo é o que produz mais valia, e o improdutivo é o que não produz. No liberalismo o trabalho produtivo está vinculado à produção de bens e serviços como valor de mercado.

novas propostas de análise, sobretudo nas áreas da sociologia, antropologia, história e economia.

Historicamente, as relações de gênero vêm sendo objeto de estudo desde o século XIX. Löwy e Rouch (2003) apontam que os primeiros questionamentos e movimentos de mulheres datam de 1860.

Um século e meio de esforço na dissociação entre sexo e gênero, isto é, na desconstrução da ideologia naturalista, que justifica a relação hierarquizada e opressora entre homens e mulheres.

Dentre as pesquisadoras da área de gênero, optou-se por destacar as contribuições de Scott (1995, p. 88) ao afirmar que "gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e uma forma primária de dar significado às relações de poder"; e de Nicholson (2000) que chama a atenção para a diversidade, propondo pensar o sentido de "mulher" com semelhanças e diferenças, em que o corpo não desaparece, mas torna-se uma variável histórica, num contexto histórico também variável.

Paralelamente aos importantes estudos e lutas feministas, em 1977 Erving Goffman³ escreve o livro "The Arrangement Between de Sexes", estudo baseado na classe média branca da sociedade americana dos anos 70, fazendo uma descrição concreta do sistema de interação entre os sexos, que procurava investigar que tipo de arranjo servia de modelo para essas interações. Sua obra foi traduzida para o francês apenas em 2002, e ainda não tem tradução para o português.

Claude Zaidman (2002), que faz a apresentação da tradução francesa, salienta que a micro-ecologia social de Goffman ensina a olhar, a ler e interpretar o social, para além do que nos é dado a ver. Estudar as interações permite explorar o jogo entre o privado e o público, entre o pessoal e o político, e coincide

³ Erving Goffmann era canadense, doutor pela Universidade de Chicago e foi presidente da Associação Americana de Sociologia, até sua morte em 1982. Dentre suas obras mais conhecidas destacam-se: "A representação do eu na vida cotidiana" (1959); "Asilo: Ensaio sobre as situações sociais de pacientes mentais e outros internos" (1961); e "*Gender Advertisement*" (1979), dentre outras.

com os estudos feministas que seguem na direção de pesquisar e observar os detalhes concretos na vida social.

Goffman procura responder a duas perguntas: 1 - Como, na sociedade moderna, as diferenças biológicas não pertinentes entre os sexos, adquiriram tamanha importância social? 2 - Como sem justificativa biológica, essas diferenças biológicas, teriam sido elaboradas?

Para responder a essas questões o autor aborda a flexibilidade institucional, ou seja, as características da organização social, que tem como efeito confirmar os estereótipos de gênero, como construção social do masculino e do feminino, a partir da observação das interações entre homens e mulheres, em diversas situações, em uma dada sociedade.

O autor faz uma análise das formas dominantes de arranjo entre os sexos, citando 5 exemplos: 1 - A divisão do trabalho segundo as classes sexuais. A amamentação causa uma separação temporária, porém provoca um prolongamento cultural; 2 - Os irmãos e irmãs como agentes de socialização (família como lugar de socialização – o que as filhas devem fazer e o que os filhos devem fazer); 3 - As práticas relativas aos banheiros. Mesmo tendo as mesmas necessidades orgânicas os banheiros femininos e masculinos são separados e diferentes. Trabalham juntos, mas os banheiros são separados, reunião social junto, mas banheiros separados; 4 - A aparência e a seleção para contratação. Para os cargos de contato com o público os critérios de atratividade juvenil interferem na seleção; 5 - Nosso sistema de identificação. Aparência à distância como, por exemplo, a silhueta e o tom de voz ao telefone, ou ainda nomes e títulos oferecem a possibilidade de um pré-julgamento em termos de gênero.

Esses exemplos são amplamente analisados pelo autor e mostram como essas diferenças biológicas atuam como “validadoras”, perpetuando uma construção social de gênero binária e hierarquizada.

Goffman ressalta também o “jogo dialógico de identidade”, quando os rituais de um campo recebem e respondem os rituais do outro, resultando numa complementaridade. O ideal tradicional de feminilidade e masculinidade tende a ser defendido pelos dois sexos e cada um o seu. Como eles são diferentes e se ajustam, evocam a noção de complementaridade: Fragilidade X Força; Doçura X Dureza; Ignorância Mecânica X Competência Mecânica. As práticas institucionais

estão tão profundamente enraizadas que tem por efeito transformar as situações sociais em cenas em que os dois sexos representam comportamentos de gênero. Algumas dessas representações adquirem uma forma de ritual que exprime crenças sobre a natureza humana diferente para cada sexo.

O autor defende também a ideia de que a mulher é a única categoria desfavorecida particular, pois fora as crianças, é a única na sociedade ocidental idealizada como pura, frágil, preciosa, dona e destinatária de amor e solicitude. Goffman alerta para o fato de que esta indulgência, que testemunha a sociedade em atenção às mulheres, pode ser encarada como um presente ambíguo, já que pode significar vulnerabilidade e, para algumas, um sentimento de opressão. Além disso, o alto valor atribuído à feminilidade pode ser visto como contrapartida do trabalho doméstico, da subordinação e até da exclusão.

Observando o comportamento dos indivíduos na vida pública Goffman salienta que diante dos riscos sociais, como violência, roubo, discussão, os homens foram ensinados a reagir e espera-se que reajam, enquanto que as mulheres não foram ensinadas a reagir, e espera-se que não reajam; nas situações de corte e galanteios homens estão sempre no papel de assediar, de tentar, enquanto que a mulher ocupa o papel de ceder ou não, e ao negar pode sofrer violência ou insulto. Assim, fica claro que os homens e as mulheres têm relações muito diferentes com a vida pública. Essa diferença causa um corte claro entre as classes sexuais, a despeito do potencial físico para o ataque e autodefesa que cada um tenha. Entende assim, que a biologia não constitui uma ferramenta segura e precisa para a triagem/seleção/separação dos membros da sociedade e que acontecimentos e respostas, que parecem tão naturalmente oriundas da mesma linha divisória são, na realidade, uma consequência da organização social.

Experiências repetidas e perpetuadas por gerações, também foram objeto de análise de Bourdieu (1995) na obra “Dominação Masculina”. Nela, o autor argumenta que o efeito da dominação simbólica não ocorre em um nível de consciência lógica, mas na obscuridade dos esquemas práticos do *habitus*, que frequentemente é inacessível às tomadas de consciência reflexiva da vontade.

Sendo o produto da inscrição no corpo de uma relação de dominação, as estruturas estruturadas e estruturantes do *habitus* são o princípio de atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica que produz a diferença entre os dominantes e os dominados, isto é, sua identidade social, inteiramente contida nessa relação. Esse conhecimento através do corpo é o que leva os dominados a contribuir para a sua própria dominação ao aceitar tacitamente, fora de qualquer decisão da consciência e de qualquer manifestação de vontade, os limites que lhes são impostos, ou mesmo produzir ou ao reproduzir por sua prática, limites abolidos na esfera do direito (BOURDIEU, 1995, p. 146).

Levando-se em conta a diversidade e a importância do contexto histórico, variações de grau e intensidade podem ocorrer, no entanto, a probabilidade de se constatar alguma forma de dominação masculina encontra-se presente nas sociedades contemporâneas. É interessante observar como é comum a “não consciência” da vivência da dominação. Repetindo comportamentos e interpretações incorporadas na formação individual e coletiva, vive-se a dominação dissimulada. Reproduz-se sem uma análise crítica da situação vivida, contribuindo assim, para a manutenção das relações de gênero hierarquizadas e até mesmo opressoras.

Considera-se importante entender como as mulheres participantes desta pesquisa se comportam, e qual o grau de interferência no cotidiano do “*habitus*” de Bourdieu, ou ainda, da “reflexibilidade institucional”, de Goffman.

Jean-Claude Kaufmann (1992) escreveu o livro “La Trame Conjugale – analyse du couple par son linge” – A Trama Conjugal – análise do casal por sua “roupa suja”. O autor escolheu este instrumento metodológico ‘*linge*’ – roupa pessoal, de cama e banho suja, para ser lavada - ou seja, uma das tarefas domésticas, para investigar mais profundamente as tramas conjugais. Considera que os gestos e os hábitos podem significar muito mais que palavras ou ideias e que embora tenha havido significativas transformações na construção e na forma de vivenciar a vida conjugal, ela é ainda atual e muito viva. Após uma pesquisa de dois anos, com vinte casais, concluiu que a igualdade entre os sexos é um dos maiores desafios da nossa época, muitas vezes representado como um combate entre homens e mulheres, atores livres. Porém, esses atores não são livres, pois é a sociedade que impõe o essencial de seus comportamentos. O poder de imposição social, não do exterior, mas do que foi incorporado em cada um, de maneira pessoal e concreta, nas maneiras de ser e agir aparentemente sem

consequências, que fazem o que a pessoa é. A análise mostra assim, que o centro de resistência à igualdade entre os sexos está na família, na casa, nas práticas domésticas mais elementares, com destaque para a mais feminizada: os gestos da “*linge*” (roupa pessoal, de cama e banho suja para ser lavada).

No artigo “O trabalho que as mulheres realizam nas interações” Pamela M Fishman (2010 - publicado originalmente em 1978, pela Califórnia University Press), investigou a atividade conversacional concreta de casais, sob a perspectiva de relações de poder entre homens e mulheres. A autora gravou 52 horas de conversas de três casais heterossexuais, em suas residências, que tinham entre 25 e 35 anos de idade: uma era assistente social e os demais estudantes de pós-graduação; duas mulheres eram feministas declaradas e os três homens e a outra mulher descreviam-se como simpatizantes. Seu artigo conclui:

A partir dessa análise detalhada, percebe-se que as mulheres executam o trabalho necessário para a interação ocorrer de forma tranquila. No entanto, são os homens que controlam o que será produzido como realidade na interação. Eles já têm o direito garantido para definir a interação e a realidade, e continuamente o restabelecem e reforçam (FISHMAN, 2010, p. 47).

Este estudo reforça a ideia do papel das interações diárias e do cotidiano como mecanismos de reprodução e manutenção da relação hierárquica entre homens e mulheres.

As relações sociais de sexo, com suas interações e arranjos entre homens e mulheres, pressupõem também uma divisão de tarefas. O estudo desta divisão e de suas implicações políticas, sociais, históricas e econômicas tem sido objeto de estudos feministas na área de antropologia e sociologia, que mostram que a divisão de tarefas entre homens e mulheres não ocorre de forma harmônica e complementar, pois envolve relações de poder. Assim, a divisão sexual do trabalho passou a ter o valor de um conceito analítico.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções

de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.) (KERGOAT, 2009, p. 67).

Kergoat (2009) salienta que a divisão sexual do trabalho tem dois princípios organizadores, quais sejam o da separação e o da hierarquização. A ideologia naturalista, que relega o gênero ao sexo biológico, define que existe trabalho de homens e trabalho de mulheres, além de estabelecer que o trabalho dos homens possui um valor maior do que o das mulheres. A autora defende, no entanto, que essas divisões não são rígidas e imutáveis:

[...] trata-se de pensar a dialética entre invariantes e variações, pois, se supõe trazer à tona os fenômenos da reprodução social. Esse raciocínio implica estudar ao mesmo tempo seus deslocamentos e rupturas, bem como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a própria existência dessa divisão (KERGOAT, 2009, p. 68).

Neste sentido, é importante retornar às ideias de Nicholson sobre a diversidade e o contexto histórico e cultural, em que novas configurações da divisão sexual do trabalho com tendências igualitárias convivem com outras bastante conservadoras.

Esta também é uma das conclusões de Bila Sorj (2005, p. 83), avaliando os resultados do *survey* “Gênero, trabalho e família em perspectiva comparada”: “as respostas apontam para um importante campo de ambivalências, sugerindo a convivência de valores tradicionais e igualitários no sistema cultural dos brasileiros”.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa pretende compreender o significado das tarefas domésticas e como foi incorporado na vida cotidiana. Pelo fato das mulheres entrevistadas viverem no mesmo período histórico, morarem na mesma cidade, possuírem um salário médio mensal com variações não muito significativas e trabalharem em atividades que exigem o mesmo grau de escolaridade, foi importante entender se esse significado é padrão ou se a diversidade está disseminada em toda sociedade.

Além das teorias sociológicas sobre a divisão sexual do trabalho, dos estudos de gênero como categoria relacional, foi importante a contribuição da economia feminista, que também ampliou seu universo de análise da economia, introduzindo o universo doméstico.

Além da crítica ao paradigma dominante, o aporte da economia feminista é tornar visível a contribuição das mulheres à economia. São pesquisas que consideram o trabalho de forma mais ampla, incluindo o mercado informal, o trabalho doméstico, a divisão sexual do trabalho na família, e integram a reprodução como fundamental à nossa existência, incorporando saúde, educação e outros aspectos relacionados como temas legítimos da economia (NOBRE, 2002, p.13).

A economia feminista procurou dar visibilidade às atividades praticadas no ambiente doméstico, normalmente efetuadas por mulheres, e que tendem a ser desvalorizadas e invisíveis. Carrasco (2003) denomina essas atividades como sustentabilidade da vida humana.

Constituem um conjunto de tarefas que tendem a dar apoio não só às pessoas dependentes por motivos de idade ou saúde, mas também à grande maioria dos homens adultos. São tarefas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. Elas incluem a alimentação, o afeto e, por vezes, aspectos pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para o bem-estar das pessoas. Implicam atividades complexas de gestão e organização, necessárias para o funcionamento diário do lar (CARRASCO, 2003, p. 17).

São atividades que não visam à acumulação de capital, mas o cuidado da vida e que, por sua vez, são essenciais, para que o indivíduo possa atuar nas atividades mercantis, de produção e busca ao lucro. A teoria econômica tradicional invisibiliza as tarefas domésticas, naturalizando-as como atividades a serem executadas espontânea e gratuitamente por mulheres, mães, esposas e filhas, não havendo, portanto, nenhuma necessidade de questioná-las ou analisá-las.

As análises econômicas utilizam tradicionalmente indicadores populacionais com visão dicotômica e androcêntrica, como é o caso dos dados referentes à população economicamente ativa – PEA, da qual fazem parte as pessoas que possuem um emprego, ou estão em busca de um, enquanto que as demais são consideradas “inativas”, como negação das consideradas “ativas”. Neste caso, inserem-se as donas de casa em tempo integral, que não possuem reconhecimento ou valorização social. “Ou seja, não se aceita que, além do

trabalho de mercado, possam existir outros trabalhos, com igual ou maior valorização social” (CARRASCO, 2008, p. 99).

Referindo-se à realidade francesa, Hirata (2007) destaca, no artigo “As Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho”, que a nova configuração da divisão sexual do trabalho não é estável, ou imutável, mas que a distância entre os grupos de sexo é permanente. Na referida divisão aparecem: a flexibilização do emprego (trabalho em tempo parcial para as mulheres e nomadismo no espaço para os homens); o aumento do número de mulheres em cargos executivos e, por outro lado, a precarização e pobreza de um número crescente de mulheres; e um terceiro ponto que é o fato das mulheres que se encontram no mercado formal de trabalho recorrerem à enorme reserva de mulheres em situação precária, sejam francesas ou imigrantes.

No subtítulo “Vínculo Social e Relações entre Esfera Doméstica e Profissional: modelos em questão” são apresentados os modelos de divisão sexual do trabalho, quais sejam: Modelo tradicional – caracterizado pela complementaridade de papéis, em que a mulher assume a família e as tarefas domésticas e o homem o papel de provedor; Modelo de conciliação – cabe a mulher conciliar a vida profissional e familiar. Esse nome recebe várias críticas pelos pesquisadores franceses, que preferem chamá-lo de “conflito”, “tensão”, no sentido de colocar em evidência as consequências da dupla jornada de trabalho para as mulheres; Modelo da parceria – preconizado na 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres, organizadas pela Organização das Nações Unidas em Pequim em 1995. Neste modelo, haveria igualdade de poder, no qual as tarefas domésticas seriam divididas, porém as práticas sociais não confirmam a atualidade do modelo; Modelo da delegação – este modelo veio para substituir o modelo de conciliação. As mulheres incluídas na categoria de profissões de nível superior, por seu nível de renda, contratam o serviço de outras mulheres, empregadas domésticas, babás e cuidadoras, que se responsabilizam pelas tarefas familiares. A empregadora resolve seus conflitos, porém as contratadas permanecem com seus próprios conflitos, aumentando assim a distância entre as classes sociais e de renda.

Mas essa pacificação das relações sociais nos casais e nas empresas, não ajuda a avançar nem um pouco na luta pela igualdade. Ao contrário, ela tem sobretudo uma função regressiva a esse respeito, pois funciona no nível do mascaramento e da negação. Ao mesmo tempo, as relações de classe são exacerbadas numericamente, pela maior quantidade de indivíduos, homens e mulheres, engajados nesse tipo de relação e, concretamente, pelo contato físico – por meio do trabalho doméstico – entre mulheres em situação precária (do ponto de vista econômico e/ou legal) e mulheres abonadas (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 602).

Mulheres com maior poder aquisitivo e grau de escolaridade mais alto tendem a optar pelo modelo de delegação. Elas não estão vivenciando e resolvendo os conflitos gerados pela divisão sexual do trabalho, estão terceirizando as tarefas domésticas para outras mulheres. Assim, mesmo com os avanços alcançados com a participação feminina na vida pública e sua crescente participação na produção, a reprodução e a sustentabilidade da vida humana ainda permanece a cargo das mulheres. Esta situação é vivenciada e constantemente reproduzida no ambiente doméstico, na vida familiar, onde as crianças são formadas e socializadas, em que com mais ênfase se percebe a reflexibilidade institucional preconizada por Goffman.

Essa dissertação optou pela escolha de uma amostra que contemplasse mulheres com salários de até R\$ 2500,00 que, em princípio, devido aos custos legais de contratação, não permitem delegar para uma empregada doméstica o trabalho reprodutivo. Para responder ao objetivo específico dois, cabe perguntar então, em qual modelo estão incluídas estas mulheres: tradicional, conciliação, ou podemos encontrar exemplos de parcerias nas tarefas domésticas?

Susan Moller Okin (2008), no livro “Justice, Gender and the Family” – Justiça, Gênero e Família, salienta as injustiças presentes na divisão sexual do trabalho que atingem potencialmente todas as mulheres, embora não de maneira idêntica. As mulheres estão exercendo, cada vez mais, atividades remuneradas fora do lar, conquistando espaço e posições, porém na estrutura familiar e na divisão do trabalho doméstico as mudanças ocorrem de forma mais lenta, ou mesmo não ocorrem efetivamente. Está frequentemente implícito que as mulheres é que farão grande parte do trabalho doméstico não-remunerado. A autora considera que o ambiente familiar é uma escola de justiça, em que através da experiência vivida, principalmente pelos exemplos, se aprende as noções de igualdade de direitos e deveres. “A não ser que exista justiça na família, as

mulheres não estarão em condições de obter a igualdade política, no mundo do trabalho, ou em qualquer outro domínio” (MOLLER OKIN, 2008, p. 25)⁴.

Para a autora, a família é o pivô das relações de gênero, pois ela as reproduz de uma geração a outra. Questiona ainda: Como num ambiente social que se estrutura fora dos princípios de justiça pode desenvolver o senso de justiça que as crianças precisam para se tornarem cidadãos participantes de uma sociedade justa?

Qual será a solução justa, equitativa e rápida para o problema da vulnerabilidade feminina e infantil? Todas as soluções devem, antes de tudo, encorajar e favorecer a divisão verdadeiramente rigorosa do trabalho entre homens e mulheres, isto é uma repartição justa do trabalho remunerado e não-remunerado. Melhor ainda, ela deve tornar possível uma melhor distribuição do trabalho naturalmente produtivo e do trabalho doméstico. Assim, a autora acredita que devemos trabalhar numa perspectiva futura que ofereça a cada um a liberdade de escolher um ou outro, dos modos de vida. Assim concebido, um futuro justo será um futuro desvinculado do gênero.

Desvincular do gênero, da visão dicotômica de mundo, onde ou se é homem e se pensa e age como homem, ou se é mulher e se pensa e age como mulher. Cristina Carrasco (2008, p. 102) diz que “a ideia é transcender o eixo da des/igualdade entre homens e mulheres, avançando em direção à ruptura do modelo masculino.” Para tanto, considera que é necessário responder às necessidades humanas percebendo a interdependência do processo de produção de mercadorias e a reprodução social; do reconhecimento e valorização do trabalho remunerado e não-remunerado; e que o ser humano precisa de cuidados seja ele trabalhador – cidadão autônomo emancipado, ou cidadão em situação de vulnerabilidade.

Nancy Fraser (2009), também salienta a importância da valorização das atividades sem valor mercantil - desmercantilizada, no artigo “O Feminismo, o Capitalismo e a Astúcia da História” em que discute o feminismo e o

⁴ À moins que la justice n'existe dans le cadre de la famille, les femmes ne seront pas en mesure d'obtenir l'égalité en politique, dans le monde du travail, ou bien encore dans un quelconque autre domaine (tradução da autora).

neoliberalismo, e se é possível que um cenário pós-liberal ofereça perspectivas de mudança para a renovação do feminismo socialista. Abordando o que chamou de antiandrocentrismo pós-liberal, a autora diz:

Reivindicando nossa crítica ao androcentrismo, as feministas poderiam militar por uma forma de vida que descentralize o trabalho assalariado e valorize as atividades desmercantilizadas, como o trabalho de cuidar. Agora executadas amplamente por mulheres, tais atividades devem se tornar componentes valiosos de uma vida boa para todos (FRASER, 2009, p. 31).

Valorizar e visibilizar o trabalho não remunerado, realizado tradicionalmente pelas mulheres e na esfera privada, é também assumir e valorizar o ser humano como ele realmente é: um indivíduo que passou e provavelmente passará, ao longo de sua vida, por períodos de vulnerabilidade.

2.2 TRABALHO DE CUIDADO

Uma das mais importantes atividades desmercantilizadas, e de sustentabilidade da vida humana é o trabalho de cuidado de pessoas em situação de vulnerabilidade. Este trabalho tem sido denominado de “*care*”. Pesquisadoras de língua francesa optaram por utilizar “*care*” em inglês por reconhecerem que não existe na língua francesa um termo que tenha o significado e a abrangência que possui na língua original. Ele tem um caráter multidimensional e transversal, que possui um campo vasto de ações e atitudes, desde cuidado, atenção, solicitude e compaixão. Em português está sendo utilizado o termo “cuidado” e “trabalho de cuidado”.

Joan Tronto (2009) sugere que o trabalho de cuidado seja considerado como uma atividade genérica que compreende tudo que fazemos para manter, perpetuar e reparar nosso “mundo”, de maneira que possamos viver tão bem quanto possível. Esse mundo compreende nosso corpo, nós mesmos e nosso meio ambiente, todos os elementos que nós podemos reunir numa rede complexa de sustentação da vida. A autora escreveu o livro “*Moral Boundaries. A Political Argument for an Ethic of Care*” em 1993, que foi traduzido para o Francês e publicado em 2009 com o título de “*Un Monde Vulnérable: pour une politique du*

care”⁵. Tronto faz um prefácio para a edição francesa, e chama a atenção para o fato de que, mesmo com essa defasagem de tempo, pouca coisa poderia ser modificada do que havia enunciado anteriormente, em 1993.

Pascale Molinier (2005) define trabalho de cuidado como um conjunto de atividades que responde às exigências características das relações de dependência. Para a autora, tomar conta de alguém não é só pensar no outro, se preocupar de maneira intelectual ou mesmo afetiva; é fazer alguma coisa, é realizar certo trabalho, que participe diretamente da manutenção ou da preservação da vida do outro; é ajudar ou assistir nas suas necessidades primordiais como comer, estar limpo, descansar, dormir, se sentir em segurança e poder se dedicar a seus próprios interesses.

No livro “*Qu’est-ce que le care – souci des autres, sensibilité, responsabilité*”⁶ (MOLINIER, LAUGIER e PAPERMAN, 2009) as autoras destacam a marginalização e a desvalorização das atividades de cuidado e de como foram negligenciadas pela teoria social e moral. Salientam também o trabalho de Carol Gilligan e de sua contribuição em chamar a atenção sobre fenômenos mal conhecidos, que mostram que os sentimentos morais, frequentemente ligados à mulher, não são um degrau inferior de moralidade, mas um recurso moral ignorado, que se conhecido, permitiria renovar em profundidade o pensamento moral e social. Para tanto, o trabalho de cuidado não deve ser visto como uma sensibilidade somente, mas como uma prática, uma ética definida não por princípios abstratos, mas pelo trabalho concreto, efetuado essencialmente por mulheres.

Assim como as tarefas domésticas em geral, os valores do *care* foram excluídos das discussões políticas e sociológicas, porque são associados ao feminino e não considerados como conceitos políticos úteis.

A supervalorização da autonomia assentada na figura masculina obscureceu os valores tradicionalmente ligados ao feminino e à ideia de que todas as pessoas, ao longo da vida, são passíveis de vulnerabilidade e dependência. Colocar a vulnerabilidade e a dependência no centro da definição

⁵“Um mundo vulnerável: para uma política de trabalho de cuidado” (tradução da autora).

⁶“O que é o trabalho de cuidado: preocupação com os outros, sensibilidade, responsabilidade”.

do ser humano poderia pôr a política de *care* no centro das discussões da sociedade democrática, que visa inclusão e superação de desigualdades.

A invisibilidade, a desvalorização das tarefas domésticas e da sustentabilidade da vida humana e do cuidado, somados à permanência de comportamentos impulsionados pela flexibilidade institucional têm colaborado para a permanência de uma divisão sexual do trabalho desigual, injusta e, em alguns casos, opressora. Estereótipos, arquétipos e/ou mitos relativos ao que é ser Mulher e o que é ser Homem estão carregados de preconceitos, hierarquia e exclusão. É importante entender a construção desses processos em como, quando e porque eles atuam no cotidiano das relações de gênero.

Habermas (1993) acredita na autorreflexão e no autoquestionamento como forma de emancipar-se de todas as formas de repressão social.

[...] somente através da crítica, compreendida como auto-reflexão e auto-questionamento, é que os momentos reprimidos, ocultos, distorcidos pelo processo histórico do conhecimento, podem ser recuperados, reelaborados e conscientizados, permitindo redescobrir o interesse fundamental, o da emancipação (HABERMAS in Sociologia, 1993, p. 13).

Neste sentido a presente pesquisa pode contribuir, pois se acredita ser importante estudar, pesquisar, questionar e questionar-se sobre o feminino e o masculino, seus papéis, e representações, como são reproduzidos e se refletem na sociedade contemporânea. Esta seria uma das formas possíveis de alcançar a emancipação e a igualdade de gênero. Neste caso, emancipação seria a libertação de estereótipos e mitos sociais que, muitas vezes, oprimem mais do que os indivíduos isoladamente. A reprodução inconsciente de comportamentos, e a manutenção da flexibilidade institucional sem uma análise crítica, colocam as mulheres como coparticipantes da permanência das desigualdades e injustiças entre homens e mulheres e, ainda, entre mulheres privilegiadas e outras mulheres.

2.3 ARTICULAÇÃO TRABALHO E FAMÍLIA NO BRASIL

O conhecimento sobre o trabalho feminino, anterior à segunda metade do século XX, é bastante escasso e produzido fora do ambiente acadêmico. Nesse

sentido, Margareth Rago (2001) afirma que a construção da identidade das mulheres trabalhadoras foi feita através da percepção masculina das condições sociais, sexuais e individuais dessas mulheres.

A maior parte da documentação disponível sobre o universo fabril foi produzida por autoridades públicas, como médicos higienistas, responsáveis também pela definição dos códigos normativos de conduta; ou policiais responsáveis pela segurança pública; por industriais, receosos das mobilizações operárias; e por militantes anarquistas, socialistas e, posteriormente, comunistas, preocupados em organizar e conscientizar politicamente o proletariado (RAGO, 2001, p. 579).

Por outro lado, Rago destaca a importante participação da escritora feminista e comunista dos anos 30, Patrícia Galvão, a “Pagu”, que através da literatura, no romance “Parque Industrial”, foi uma das poucas vozes femininas a tratar do problema do trabalho feminino, que envolvia longas jornadas, baixos salários e principalmente o assédio sexual.

Na área acadêmica no Brasil, os estudos sobre a Divisão Sexual do Trabalho surgiram nos anos 60/70, coincidindo com os movimentos internacionais, através das pesquisadoras: Eva Blay – “Mulher e Trabalho”, em um estudo sociológico do trabalho feminino, em três estruturas socioeconômicas 1963-1964 – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo; Heleieth Saffioti – “Mulher na Sociedade de classes: mito e realidade” - 1969; Vera Maria Candido Pereira, que escreveu “No coração da fábrica” sobre empresa têxtil no Rio de Janeiro; e Elizabeth Souza Lobo com “A classe operária tem dois sexos” – sobre trabalho doméstico e trabalho profissional, destacando as desigualdades de gênero⁷.

Atualmente tem sido importante a contribuição de pesquisadoras como Bila Sorj, Maria Cristina Bruschini, Maia Lucia da Silveira, Neuza Tito, Clara Araújo e Celi Scalon, dentre outras.

Bila Sorj (2004) nos estudos sobre a Divisão Sexual do Trabalho no Brasil, mais especificamente quanto ao trabalho remunerado e ao não-remunerado, ou seja, o trabalho invisível, normalmente executado por mulheres, mostra que existem fortes desigualdades entre os sexos, tanto no mercado de trabalho,

⁷ Anotações de aula, disciplina Sociologia do Trabalho e do Gênero: comparações internacionais – Helena Hirata – USP – São Paulo, 2010.

quanto na esfera privada. Em 2001, o Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo fez uma pesquisa que abrangeu 2500 entrevistadas. Tinha título “A mulher brasileira nos espaços público e privado”. Analisando os resultados obtidos, a referida autora destaca que, em 96% dos domicílios, a principal responsável pelas tarefas domésticas era uma mulher, e quando outra pessoa participava das responsabilidades pelo trabalho doméstico, em 49% dos casos, tratava-se também de uma mulher. É interessante observar que a pesquisa apontou também: “que os maridos se dispõem a abrir mão de uma parcela do seu poder de omissão no espaço doméstico, quando o retorno obtido com o trabalho remunerado da mulher implica alcançar um melhor nível de vida e elevar o status social da família” (SORJ, 2004, p. 114); e “que quanto melhor for a inserção feminina no mercado de trabalho e mais elevado o seu nível educacional, menos desvantajosa será sua posição na divisão do trabalho doméstico” (SORJ, 2004, p. 115).

Nesse mesmo estudo, ficou evidente que no início do século XXI, as opiniões das mulheres, em relação ao trabalho doméstico, eram ainda ambíguas e conservadoras. Ao ser solicitado que concordassem ou não com frases apresentadas, 87% concordaram com a divisão igualitária do trabalho doméstico. Por outro lado, elas concordaram com o seguinte: 71% - “Não importa quem faça o trabalho doméstico, desde que a mulher defina como fazer”; 55% - que “mesmo que queiram os homens não sabem fazer o trabalho de casa”; 54% - “o cuidado com as pessoas doentes ou idosas que ficam em casa deve ser da mulher”; 65% - “é principalmente o homem que deve sustentar a família”; 85% - “quando tem filhos pequenos é melhor que o homem trabalhe fora e a mulher fique em casa” (VENTURI, 2004). Com esses resultados, pode-se perceber que existe uma resistência de abandonar o espaço privado, reduto do poder feminino. Conforme a pesquisa, a grande maioria das mulheres entrevistadas quer permanecer definindo como fazer e cuidar dos filhos pequenos e mais da metade acha que os homens “não” sabem fazer o trabalho doméstico e que devem ser eles os principais provedores.

O artigo “Políticas e Práticas de Conciliação entre Família e Trabalho no Brasil” (SORJ; FONTES; MACHADO, 2007) analisou, através dos dados estatísticos da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios - PNAD, as

estruturas familiares, o nível de renda, a escolaridade, o perfil profissional e as condições de trabalho de homens e mulheres no Brasil, assim como a disponibilidade de serviços coletivos e políticas públicas. No que se refere especificamente às políticas públicas, a legislação brasileira garante a estabilidade de emprego para a gestante, licença maternidade de 120 dias e creche nos primeiros meses de vida dos filhos de mães trabalhadoras, podendo ser substituído por redução da carga horária por uma hora, para amamentação. O acesso à creche e pré-escolas é bastante limitado, com um número reduzido de disponibilidade de vagas. Na prática, essas políticas mostram-se insuficientes e levaram as autoras à seguinte conclusão:

Como vimos, as recentes mudanças nas famílias e no mercado de trabalho agravaram a capacidade das famílias de lidarem com as exigências conflitantes do trabalho e da família. As soluções para esse dilema tendem a ser privadas e assumidas quase que exclusivamente pelas mulheres. O resultado é o reforço das desigualdades de gênero no mercado de trabalho (SORJ, FONTES, MACHADO, 2007, p. 592).

A análise dos dados do PNAD, efetuados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA mostram também que foi significativa a mudança ocorrida entre 1992 e 2007 do número de domicílios chefiado por mulheres e que mais expressivo ainda foi o aumento da proporção de mulheres-cônjuges que contribuem para a renda de suas famílias, que passou de 39,1% para 62,5%. Os dados mostram ainda que, além de provedoras, as mulheres permaneceram como principais responsáveis pelas tarefas domésticas. Em 2007, as mulheres ocupadas dedicavam, em média, 22,2 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens despendiam 9,6 horas semanais. “Sintetizando, a família brasileira está mudando e a mulher é uma das grandes responsáveis por isto. Ela, hoje, está assumindo novos papéis sociais, mas ainda mantêm os tradicionais” (IPEA, 2008).

O estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas denominado “Articulação Trabalho e Família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras” que analisou os dados da PNAD – 2002 salienta que embora numa proporção bem menor do que as mulheres (90%), a participação masculina teve um incremento considerável, passando de 35,8% em 1992 para 45%. Assim, esse percentual indica que 30,2 milhões de homens disseram participar das

tarefas domésticas, o que significa que a participação masculina não é desprezível nesta área. Na conclusão do referido estudo tem a seguinte afirmação:

Contudo, apesar das responsabilidades familiares ainda serem um encargo majoritariamente feminino, com as mudanças econômicas e sociais das últimas décadas (altas taxas de participação das mulheres, mudanças demográficas, alterações no modelo de família nuclear, aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, etc.), a tendência nos últimos tempos é enxergar a questão como um problema da família e não só das mulheres. Assim, as políticas públicas de conciliação trabalho e família devem levar em consideração não só facilidades familiares que possibilitem às mulheres as mesmas oportunidades de trabalho existentes aos homens, mas também mecanismos de responsabilização masculina por essas tarefas (BRUSCHINI, RCOLDI, 2008, p. 115).

No artigo “Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero” (PINHEIRO; GALIZA e FONTOURA, 2009) os autores analisam a licença parental, destacando sua importância em compartilhar direitos e deveres no cuidado com os filhos. Somando-se a isso, essa perspectiva possibilita uma mudança de valores e comportamentos relativos aos papéis de homens e mulheres na sociedade e na família, o que efetivamente contribui para a emancipação e autonomia das mulheres.

Para o caso brasileiro – e também para as demais nações latino-americanas e caribenhas -, a implementação de iniciativas como a licença-parental ou no mínimo a ampliação significativa da licença paternidade traria importantes resultados tanto do ponto de vista simbólico – da possibilidade de construção de uma nova cultura – quanto das possibilidades de participação das mulheres no mercado de trabalho (PINHEIRO; GALIZA; FONTOURA, 2009, p. 858).

A participação das mulheres no mercado de trabalho também está vinculada ao encaminhamento que será dado ao problema do cuidado dos filhos. Deve ser garantido o direito da mulher de não precisar optar entre maternidade e atuação fora do espaço doméstico.

No texto “O Trabalho Doméstico e de Cuidados: novos desafios para a igualdade de gênero no Brasil” Bila Sorj (2008) evidencia a importância da educação infantil como um mecanismo eficiente de articulação entre família e trabalho, pois permite uma melhor inserção da mãe no mercado de trabalho,

possibilitando a busca de trabalho mais bem remunerado e em ocupações de melhor qualidade.

No Brasil, a educação infantil é desenvolvida pelas “creches”, hoje denominadas “Centro de Educação Infantil” – CEI’s, ou Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI’s, quando mantidos e geridos pelo Município.

Para muitas famílias, os CEI’s têm tido uma importância fundamental no cuidado das crianças, assim como no desenvolvimento da estrutura familiar. Nesses centros, as crianças são acolhidas, alimentadas, higienizadas e recebem estimulação intelectual e social. Pai e mãe podem trabalhar, aumentar a renda familiar, assim como diminuir os conflitos internos referentes à divisão de responsabilidades.

No Brasil, a participação do Estado no cuidado com as crianças de idade pré-escolar ainda é bastante tímida. Em países como a França, a participação é muito mais significativa, inclusive com ajuda financeira para a guarda domiciliar e redução de impostos. Nesse aspecto, Fagnani e Letablier (2005) afirmam que a estimativa de gastos, só com a redução de impostos ou exonerações fiscais ligadas ao cuidado das crianças em idade pré-escolar, atinge 500 milhões de euros.

Conforme dados e informações do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, o Plano Nacional de Educação determina que o argumento social deve prevalecer na obtenção de vaga no ensino infantil. Dessa forma, é priorizada vaga para crianças em risco social e pessoal, com maior dificuldade de um desenvolvimento integral. O foco está na criança e não na mãe. A escolha é feita pelo Conselho do CMEI, do qual fazem parte as famílias, os professores, representantes da Secretaria Municipal da Saúde (normalmente servidores da Unidade de Saúde mais próxima) e da Associação de Moradores. Para um país com uma grande população de baixa renda, essa é uma medida correta, porém ainda bem aquém de nossas necessidades. Dados não oficiais sugerem que o número de vagas encontra-se, ainda, muito aquém da necessidade.

De acordo com a referida Secretaria, no final de 2009, a Prefeitura disponibilizava 20.560 vagas, sendo 11.967 para crianças de 0 a 3 anos e 8.593 de 4 a 6 anos, distribuídos em 9 núcleos regionais. A maioria das vagas está

localizada nos bairros mais distantes. No centro da cidade – regional matriz – o número total de vagas era de 284. Além destas o município tem convênio com 86 Organizações Não Governamentais - ONG's, que são responsáveis por 9.131⁸ vagas, para as quais, a Prefeitura repassa recursos financeiros e abre oportunidade para a capacitação de funcionários.

O Município de Curitiba disponibiliza, entre CMEI's e Conveniadas, aproximadamente 30.000 vagas para a educação infantil e consegue atender apenas crianças de famílias de baixa renda e em risco social e pessoal. Algumas famílias de baixa renda e as de renda média não podem contar com nenhuma ajuda governamental.

Os filhos das mulheres que estão no mercado de trabalho e que fazem parte do perfil determinado para essa pesquisa, pelo seu nível de renda e escolaridade, não se enquadram na política de priorização de vagas no ensino infantil da Prefeitura Municipal. Para elas, no caso de Curitiba, ainda não existem programas efetivos de ajuda governamental.

Embora a legislação brasileira determine que empresas com mais de 30 mulheres devam possuir creche ou berçário, isso está vinculado somente ao período de amamentação, e ainda assim, existe a alternativa de redução de carga horária para amamentação. É raro encontrar empresas que disponibilizem programas de auxílio para funcionários com filhos em idade pré-escolar. A não valorização e a invisibilidade da tarefa de cuidar dos filhos, mais uma vez aparece. É como se as organizações acreditassem que existe um ser invisível que efetua a tarefa de cuidado dos filhos de suas funcionárias e, portanto, elas devem estar sempre disponíveis, descansadas e prontas para o trabalho. Trabalho remunerado, trabalho real. O problema de cuidado dos filhos será resolvido e diz respeito à funcionária, e é somente ela que deve encontrar a solução adequada.

Maria Lucia da Silveira (2008) no artigo “Repensando o trabalho de cuidados a partir das lutas das mulheres no âmbito do processo de integração continental” questiona: que tipo de Estado responderia a novas alternativas emancipatórias no continente Latino Americano? Como resposta aponta que “sem

⁸ Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação – 2009.

dúvida, seriam Estados que desejassem caminhar rumo ao desmantelamento da tradicional divisão sexual do trabalho”. Acrescenta ainda que “mais do que um Estado Cuidador Universal, seria importante um Estado que assumisse o cuidado como um valor público” (SILVEIRA, 2008, p. 74).

2.4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO TRABALHO DE CUIDADO

Na situação brasileira, de uma participação tímida na efetivação de políticas públicas e empresariais de corresponsabilidade no cuidado das crianças, o papel da família tem sido fundamental.

Em um estudo realizado em Recife, que analisou os arranjos familiares de crianças de uma escola pública, as pesquisadoras concluíram:

A presença da solidariedade entre os membros da família e da comunidade é muito comum nessas famílias, e foi expressa, nas mais das vezes, no compartilhar dos cuidados com as crianças. Tios, madrinhas, avós e até vizinhos tomam conta das crianças para que os pais possam trabalhar. Eles também ajudam financeiramente... A solidariedade é uma forma de enfrentar a condição social, é uma estratégia de sobrevivência (AMAZONAS, DAMASCENO, SILVA, 2003, p. 19).

Numa sociedade em que o papel do Estado no cuidado das crianças é reduzido, a solidariedade familiar torna-se fundamental.

Em meados da década de 80, Myriam Lins de Barros (1987) realizou uma pesquisa entrevistando 22 pessoas, das quais 14 eram mulheres e 8 eram homens, com idade entre 50 e 72 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, cuja maioria era da região sul e, alguns, da região norte da cidade. Os resultados foram publicados no livro “Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira”. Nessa obra, ficou bastante evidente a participação dos avós como agentes socializadores dos netos. A autora também destaca o papel da avó como apoio ao desempenho da filha em seus projetos pessoais de uma carreira profissional: “para as filhas poderem se profissionalizar fora de casa as avós sentem que se profissionalizam como domésticas” (BARROS, 1987).

Os avós demonstraram estar conscientes de seu papel nas mudanças ocorridas na sociedade:

Ao mesmo tempo em que se consideram explorados e cumprindo uma função até certo ponto semelhante à de empregadas, principalmente quando os netos são pequenos, os avós percebem que as próprias mudanças na sociedade impeliram a família, antes mais centrada nos pais e filhos, para uma abertura em relação aos parentes, principalmente em relação à geração anterior, isto é, a eles mesmos. A visão que têm deste processo – caracterizado por eles pela interferência constante dos filhos no seu dia-a-dia e por sua presença na casa ou nas relações internas à família conjugal dos filhos – aproxima as relações internas à família conjugal dos filhos – aproxima as relações familiares de um modelo da família extensa, apesar de as famílias conjugais não viverem juntas (BARROS, 1987, p. 135).

No livro *El valor Del tiempo ¿Cuántas horas te faltan al día?* María Ángeles Durán (2007) dedica um capítulo para explanar sobre o tempo dedicado ao cuidado com as crianças, tentando entender a queda da taxa de natalidade na Espanha e porque as crianças têm sido chamadas de “*tesoros com dientes*”. Utilizando um termo oriundo da história europeia, em que em muitos momentos ocorreram crises de sobrevivência quando a fome matava mais do que a guerra, a autora aborda o tema da perspectiva do tempo. As crianças continuam sendo tesouros, hoje, porém, os dentes que assustam os pais dos países desenvolvidos não são os que mordem pão, mas o que mordem tempo. “O cuidado das crianças normalmente é uma atividade difusa, invisível e facilmente eclipsadas por outras atividades, concretas e físicas, que deixam rastros de transformação” (DURÁN, 2007, p. 58). Dificilmente mensurável, mas extremamente envolvente, é uma atividade que tradicionalmente tem ficado a cargo das mulheres. A idade de ter filhos tem coincidido com a idade de profissionalização, o que levou a autora a afirmar que “se o trabalho de cuidar não se reparte, não haverá crianças” (DURÁN, 2007, p. 59). Para solucionar essa questão, Durán destaca a “contribuição das avós na economia espanhola” (2007, p. 76). Na Espanha, mais de um quarto dos trabalhadores que têm filhos contam com o apoio de outros familiares, sobretudo das avós. A autora afirma que se as avós fizessem greve em cuidar de netos e adultos enfermos, seu efeito sobre a economia nacional espanhola seria muito mais decisivo que a greve de condutores de ônibus ou de controladores aéreos.

No caso do Brasil, sabe-se que a participação das avós e das redes familiares é bastante significativa, porém os estudos específicos sobre essas

práticas e suas consequências na sociedade e na economia poderiam ser ampliados e mais difundidos.

No artigo “Solidariedade Familiar Intergeracional” Peixoto (2005) destaca que a solidariedade familiar se dá “principalmente, num circuito de reciprocidade, e a vida cotidiana só é possível através das trocas entre os membros da família”. Afirma ainda que essa solidariedade pode ser também interpretada como dívidas, e como tal “se transforma em contabilidade perpétua, o que, finalmente, dá dinâmica e significação aos vínculos familiares” (PEIXOTO, 2005, p. 238).

Analisando as tendências e tensões sobre as práticas familiares, Araujo, Picaço e Scalon (2006) alertam para as particularidades contextuais e a enorme diversidade na forma e na dinâmica das transformações da sociedade contemporânea. Afirmam, porém, que é praticamente consenso que uma das importantes fontes dos conflitos permanece relacionada à divisão sexual do trabalho e à forma de conciliação das mulheres entre a vida familiar e o trabalho pago. Sendo assim, as dinâmicas familiares e conjugais não podem ser entendidas como um processo linear e uniforme, mas sim, complexas e diversificadas.

As tensões e conflitos estão sendo enfrentados de muitas maneiras, dentre elas, a participação de familiares. Esta pesquisa pretende entender como ocorre a participação da família estendida na dinâmica de conciliação trabalho remunerado – trabalho doméstico das mulheres curitibanas entrevistadas.

2.5 TAREFAS DOMÉSTICAS E TECNOLOGIA

Antes de abordar a questão das tecnologias domésticas é importante conhecer o campo de estudos: tecnologia, sociedade e inovação tecnológica.

Com a modernidade, o ser humano buscou a emancipação através da razão, da ciência e da racionalidade técnica. O progresso tecnológico e a dominação da natureza deveriam ser caminhos para o desenvolvimento da sociedade. O mundo ocidental moderno apostou na tecnologia, na produção de massa, na valorização do consumo e nos interesses econômicos.

O agir racional tornou-se necessário, dentro da lógica da produção capitalista, que necessitava do lucro das atividades econômicas para reproduzir e

ampliar o capital. Assim, diminuir custos e aumentar a produtividade tornou-se essencial. Dentro dessa lógica constatou-se a divisão e especialização do trabalho com a introdução da administração científica do trabalho e a fragmentação do conhecimento. O desenvolvimento tecnológico tornou-se um dogma no final do século XIX, disseminando-se a crença de que ele determina os caminhos da humanidade. Nos EUA, os profetas do progresso foram Benjamin Franklin e Thomas Jefferson. Para eles, o progresso significava utilizar a ciência e a tecnologia em benefício dos interesses humanos (intelectual, moral e espiritual) e do progresso material.

Para o senso comum, a visão do determinismo tecnológico, isto é, a crença de que “se uma sociedade tem capacidade para criar, desenvolver, apropriar-se ou transferir tecnologias avançadas ela terá, necessariamente, progresso social” (CARVALHO, 1998, p. 89), tem contribuído para que as análises mais profundas dos efeitos das inovações tecnológicas na sociedade sejam negligenciadas. Permanece, sem questionamentos, a percepção da tecnologia como um processo dinâmico, cuja inovação tecnológica cria novos produtos, que são lançados no mercado que, se bem sucedidos, ampliam a demanda, o que por sua vez impulsiona o aumento de produção. Com esse aumento há o surgimento de novos postos de trabalho, a geração de valor agregado que, reinvestido, dá novo impulso e realimenta o processo. Produzir e consumir sempre, cada vez mais é símbolo de progresso e bem-estar social. A inovação tecnológica é a meta a ser alcançada, tanto do ponto de vista do setor privado, quanto do público.

Partia-se do princípio que mediante a aplicação do método científico e da avaliação e arbitragem pelos pares, poder-se-ia garantir o consenso e a honestidade na ciência. Neste sentido, considerava-se que a ciência e tecnologia eram neutras e necessitavam de autonomia, sem interferência social ou política.

Por outro lado, começou-se a perceber a necessidade de se compreender melhor o contexto social da ciência e da tecnologia. Cutcliffe (2003) aponta que o surgimento dos estudos e preocupações na área ocorreu de forma simultânea, através de agências, sociedades profissionais e publicações que demonstravam preocupação com as questões relacionadas aos efeitos Ciência & Tecnologia na sociedade. Percebeu-se também a necessidade de um planejamento interdisciplinar que avaliasse os benefícios e o que foi chamado pelo autor de

“efeitos colaterais”. Cutcliffe destaca como precursor intelectual dos movimentos de Ciência, Tecnologia e Sociedade, C.P. Snow, na famosa conferência “Rede” na Universidade de Cambridge, em 1959, que postulou a existência de uma divisão crescente na sociedade entre “duas culturas que não se comunicam”: a dos cientistas e a dos humanistas. A visão interdisciplinar começou a aparecer a partir de 1964, através de um programa da Universidade de Harvard sobre Tecnologia e Sociedade, de investigações sobre os efeitos das mudanças tecnológicas na economia, nas políticas públicas e na sociedade. Outras iniciativas foram registradas nas Universidades de Cornell, do Estado da Pensilvânia e de Lehigh.

Mackenzie (1996) destaca como pesquisadores e críticos precursores dos efeitos da tecnologia na sociedade: Rachel Carson, em seu livro *Primavera Silenciosa* (1962); Ralph Nader (1965), ativista dos direitos do consumidor, que denunciou a atitude arrogante das indústrias automobilísticas diante dos consumidores; e a publicação do texto *Limits to Growth*, elaborado pelo Clube de Roma, em 1972. Somando-se a eles destaca o surgimento dos movimentos sociais, dentre eles os ecologistas; dos políticos, como o senador americano Vance Harth, que declarou na “Earth Week” de 1970: “durante anos, uma tecnologia fora de controle, cujo único interesse é obter o lucro máximo, tem envenenado nosso ar, devastado nosso solo, derrubado nossas árvores e poluído nossos recursos hídricos”; e de engenheiros e cientistas que manifestaram suas preocupações com relação ao desenvolvimento tecnológico, principalmente pelas consequências do projeto Manhattan e da Guerra do Vietnam.

Na América Latina, o Estado participou da questão tecnológica com a adoção de uma política de industrialização, que tinha por meta a “substituição de importação”. Na década de 60, no século XX, esse modelo tornou-se mais complexo com a integração de um novo ator: as empresas transnacionais. Nesse período imperava o discurso legitimador dos anos 1950, que considerava o desenvolvimento científico e tecnológico como condição necessária e suficiente para promover o desenvolvimento dos países periféricos, no caso os países da América Latina.

Kreimer e Thomas (2004) destacam três gerações na produção de estudos em Ciência Tecnologia e Sociedade - CTS: a primeira formada fora da América

Latina; a segunda formada na América Latina; e a terceira formada pela segunda geração. De acordo com os autores, na primeira fase, que vai de 1960 a 1980, percebia-se uma maior ênfase acadêmica, cuja produção era voltada para a avaliação dos pares e cuja divulgação era feita por meio de artigos científicos, publicados por revistas especializadas.

Atualmente os estudos em CTS estão se voltando para a análise e delimitação dos aspectos negativos das tecnologias adotadas e para as questões humanas e sociais. Autores como Dagnino, Davit, e Thomas (1996) salientam que, embora tenham sido ampliados, os estudos de CTS na América Latina ainda não conseguiram influir, de forma efetiva, nos processos de tomadas de decisão das políticas globais de ciência e tecnologia.

O Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná tem desenvolvido diversos estudos na área de CTS. Os professores Domingos Lima Filho e Gilson Queluz (2005) diferenciam a percepção da tecnologia na sociedade através de duas matrizes teóricas: a relacional, na qual “é compreendida como construção social complexa integrada as relações sociais de produção”; e a instrumental, que é considerada autônoma e não somente “isolada das relações sociais, como, em certa medida, as determina”. Esta dissertação optou pela matriz relacional, procurando identificar a que tipo de interação a tecnologia tem no cotidiano das relações de gênero e no trabalho doméstico.

Considerando-se que a tecnologia está inserida em um contexto histórico-social, uma mesma tarefa pode ser efetuada usando tecnologias diversas, dependendo de quem, onde e quando será executada. As inovações tecnológicas podem utilizar máquinas, equipamentos e conhecimentos mais sofisticados, mas o conhecimento inerente às formas anteriores de efetuar a mesma tarefa envolvia também uma tecnologia. Toma-se como exemplo, em relação às tarefas domésticas, a atividade de limpar e lustrar o chão. Da maneira tradicional, era necessário passar a palha de aço, varrer o chão, passar um pano molhado, esperar secar, encerar e lustrar com os pés, ou com o auxílio de um vassourão e, mais recentemente, com uma enceradeira. Essa atividade envolvia uma técnica específica, vinculada a um contexto sociocultural específico. Inovações tecnológicas da área da construção civil, como o piso laminado, trouxeram

mudanças significativas, diminuindo muito o trabalho, a quantidade de tempo e o esforço em sua execução. A escassez de madeira nativa para a fabricação de tábua corrida e tacos contribuiu para a pesquisa de novas alternativas que utilizassem uma quantidade menor de matéria-prima, dando a mesma aparência e a sensação do conforto do piso de madeira, atendendo as mudanças sociais e comportamentais que acompanharam a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Assim, a tecnologia deve ser analisada no seu contexto histórico-cultural e visto de uma perspectiva multidisciplinar. No exemplo dado, a inovação tecnológica foi o resultado de um processo que refletiu mudanças ocorridas em vários setores da sociedade. O piso laminado de madeira surgiu como resposta à questão ambiental, pela menor disponibilidade de florestas nativas; à questão econômica, por poder utilizar madeiras menos nobres e de menor custo, para a sua confecção; assim como da questão social, pela dificuldade de se efetuar a tarefas domésticas que exigia tempo, esforço físico e uma posição desconfortável para sua execução, já que a mulher ficava de joelhos para espalhar a cera no chão.

2.5.1 TECNOLOGIAS DOMÉSTICAS

Para entender a influência da tecnologia nas tarefas domésticas, optou-se por um aprofundamento das análises efetuadas pela pesquisadora Elizabeth Bortolaia Silva⁹.

No artigo “Tecnologia e vida doméstica nos lares”, escrito no final do século XX, a autora explora a vida doméstica “a partir das relações cotidianas entre o fazer (atividade), as pessoas (relacionamento) e os objetos (máquinas/equipamentos)” (BORTOLAIA, 1998, p. 26). Para entender a vida doméstica do final do século XX, analisa a formação da cultura brasileira baseada na tradição escravocrata e nos ideais vitorianos, que colocaram as mulheres brancas abastadas com superioridade social, frágeis e com grande disponibilidade de

⁹ Pesquisadora da área de tecnologia e gênero, fez graduação e mestrado pela USP e PHD pela Universidade de Londres, é atualmente Professora da Faculty of Social Science, da The Open University – Reino Unido.

serviçais domésticos. Mostra também que imperava o modelo patriarcal de família, mesmo nos lares de menor poder aquisitivo, em que a mulher já acumulava o trabalho nas fábricas e nos serviços domésticos. A introdução dos eletrodomésticos da linha branca se deu no final dos anos 40, como parte do programa de substituição de importação. Fazendo um comparativo com os países mais desenvolvidos, a autora salienta que, no Brasil, o desenvolvimento deste setor industrial não teve conexão com a maior participação da mulher no mercado de trabalho, com o valor mais elevado do tempo das mulheres em geral, ou com menor disponibilidade de servidores domésticos como naqueles países. Aqui, o desprestígio e a facilidade de contratação de pessoal para o trabalho doméstico afetaram os padrões de inovação das tecnologias do lar. Como ilustração, cita a entrevista do presidente da General Electric que afirmou, em abril de 1997, que os eletrodomésticos estavam com 10 anos de atraso, em relação ao mercado americano e europeu¹⁰. A autora conclui que,

Compra-se muito trabalho doméstico, na forma de perfeição, qualidade e quantidade, porque ele é muito barato. As exigências de trabalho no lar seriam certamente muito diferentes se a disponibilidade de tempo feminino para fazer tal trabalho fosse escassa, ou inexistente. Outros arranjos teriam que ser implementados para suprirem as necessidades domésticas. Um desses arranjos pode ser inovação em eletrodomésticos, acompanhando expansão de mercado e redução de preços (BORTOLAIA, 1998, p. 52).

Em um artigo mais recente, denominado “Teorias sobre Trabalho e Tecnologias domésticas: implicações para o Brasil” a autora classifica as tecnologias domésticas em três grupos principais: serviços de infraestrutura (água

¹⁰ É importante mencionar que após mais de uma década da confecção do artigo, a realidade brasileira passou por significativas transformações. Os dados apresentados mostravam que o preço de um fogão variava de R\$ 159,00, até o mais sofisticado que equivalia a cinco salários mínimos da época, que era R\$ 112,00; e a venda a prazo aumentava o preço do produto em duas ou até três vezes. Comparando-se esses dados com o período atual, percebe-se que: o fogão mais simples pode ser adquirido por R\$ 260,00, isto é, menos da metade do salário mínimo regional que é de R\$ 663,00; o fogão mais sofisticado custa onze vezes o valor do salário mínimo regional e possui uma sofisticada tecnologia; e a compra pode ser efetuada em até doze vezes, sem juros. Acrescenta-se ainda que uma maior conscientização dos direitos trabalhistas por parte das empregadas domésticas tornou a contratação deste tipo de serviço, nas grandes cidades, mais oneroso, já que se exige que sejam pagos direitos trabalhistas, como INSS, férias e décimo terceiro. (preços atuais dos produtos citados foram obtidos de um site de venda de eletrodomésticos, através da Internet – fevereiro de 2011)

encanada, eletricidade, gás, esgoto e coleta de lixo); eletrodomésticos (máquinas utilizadas para desempenhar o trabalho doméstico); e mercadorias (bens processados ou semiprocessados comprados no mercado). Esses grupos são interdependentes, já que o desenvolvimento de um, pode estar diretamente relacionado à existência e/ou disponibilidade de outro. Como exemplo pode-se citar o sabão em pó para máquina de lavar roupa, que depende da produção e oferta de máquinas de lavar roupa e acesso à eletricidade.

De maneira geral, considera-se que as inovações tecnológicas relacionadas à infraestrutura trouxeram importante contribuição para a melhoria das condições do trabalho doméstico. Por outro lado, as pesquisas voltadas para os eletrodomésticos não são tão otimistas e demonstram controvérsias entre autores que consideram que a tecnologia teve um poder conservador e os que dizem que a tecnologia teve uma influência progressista. Bortolaia destaca também pesquisadoras que enfatizam que quanto maior a renda das mulheres menor será o tempo despendido nas tarefas domésticas, e isso não é pela tecnologia, mas sim, pela possibilidade de compra do tempo. Esse tempo pode ser comprado através de bens – alimentos prontos, por exemplo; ou de serviços – lavanderias, escolas, empregados domésticos, dentre outros.

Continuando sua análise, Bortolaia salienta, mais uma vez, as implicações das diferenças sociais no Brasil. Mostra que as diferenças hierárquicas aparecem não só entre homens e mulheres, como também entre grupos de mulheres. Neste contexto, a autora salienta que a facilidade das mulheres da classe média em delegar as tarefas domésticas para outras mulheres das classes populares tem evitado conflitos e necessidade de contestação da divisão tradicional do trabalho entre os gêneros.

Eu não imagino que as mulheres de classe média alta, cuja socialização no modelo de ser mulher incorpora o ser patroa, possam vivenciar esse processo sem grandes transformações pessoais, e é difícil vê-las como agentes desse processo. Todavia, não ser agente traz implicações para as relações com os homens dentro de seus lares e fora deles. É também das mulheres em geral (das várias classes e grupos sociais) entre si, e com os homens em geral (BORTOLAIA, 2003, p. 14).

Uma das questões exploradas nas entrevistas para atender ao objetivo específico quatro, visava averiguar qual é a participação hoje, sete anos após a

publicação desse artigo, dos avanços tecnológicos na vida cotidiana das mulheres curitibanas, que se identificam com os critérios escolhido para essa pesquisa.

2.5.2 TAREFAS DOMÉSTICAS: PADRÕES DE EXECUÇÃO

Acredita-se que os padrões de execução das tarefas domésticas tenham sido marcados pelo modelo de formação da sociedade brasileira. Maria Ângela D’Incao, no texto “Mulher e família burguesa” (2001) analisa as consequências da urbanização e ascensão da burguesia na reorganização das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas: interiorização da vida doméstica, com a separação clara da rua como espaço público e da casa como espaço privado; divisão dos locais de residências e diversão, com afastamento dos pobres; proibição de algumas expressões sociais, com a diminuição da espontaneidade; desconfiança em relação ao outro, o desconhecido; e a designação da esposa e mãe como responsável pela imagem do homem público – capital simbólico do sucesso da família. Coube então à mulher, a tarefa de representar o *status* familiar, através da forma como organizava a vida cotidiana. “Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família *burguesa e higienizada*” (grifo da autora) (D’INCAO, 2001, p. 229).

No estudo “Gênero e Artefato: o Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo 1870-1920”, de Vânia Carneiro de Carvalho (2008), a hipótese central é a de que existe um relacionamento simbiótico entre os objetos domésticos e a formação de identidades diferenciadas pelo gênero. Esses objetos estão diretamente vinculados com a divisão sexual do trabalho doméstico, contribuindo para a construção dos dois princípios organizadores, definidos por Kergoat como da separação e hierarquização entre homens e mulheres.

Uma das fontes da referida pesquisa foram os manuais de economia doméstica bastante difundidos no final do século XIX e início do século XX, como é o caso do Manual de Vera Cleser: “O Lar Doméstico: Conselhos Práticos sobre a Boa Direção de uma Casa”. Através desses manuais as mulheres obtinham orientações de como organizar e decorar seus lares e o que se esperava de uma

boa dona de casa. Era clara a separação de papéis, de objetos e de locais da casa. Sobre o escritório, por exemplo, as mensagens eram de que as “mesas de trabalho” remetem ao universo do trabalho, eficaz e racional. Por outro lado, estas mesas obedeciam a outra ordem, onde a aparente desordem é relacionada com o momento de reflexão, de criação, ou seja, a desordem masculina poderia ser aceitável. O restante da casa deveria ser impecavelmente limpo e ornamentado, atestando assim, a presença cuidadosa e amorosa da dona da casa. As revistas femininas em geral traziam receitas e incentivavam o artesanato. Isto permitia que as pessoas de baixa renda pudessem decorar suas residências – toalhas poderiam cobrir móveis não refinados – e estarem de acordo com o ideário burguês. Carvalho (2008) destaca uma frase que demonstra o ideário da sociedade burguesa brasileira da época, encontrada na revista “A Cigarra”: “O que é absolutamente condenável é o desleixo, e não a falta de dinheiro”.

Carvalho também informa que enquanto nos Estados Unidos, a modernização da cozinha orientou-se pelas medidas de planificação industrial, cuja figura chave foi o engenheiro. No Brasil, as transformações tinham como referência o consultório médico.

Na cozinha vamos encontrar sentidos, princípios de organização espacial, matérias-primas e funções muito semelhantes aos dos consultórios, como a presença de instrumentos e máquinas, a predominância de objetos de metal, o assoalho e superfícies laváveis e a ordenação funcional dos instrumentos de trabalho, categoria predominante nos dois ambientes. Em resumo, cozinha e consultório são locais de manipulação de material orgânico com tecnologia (CARVALHO, 2008, p. 36).

Consultório médico e cozinha, mesmo sendo ambientes cujo prestígio é diferente e hierárquico, em que a cozinha é indiscutivelmente feminina e desprestigiada, as noções de limpeza e higiene foram transferidas de um para outro, e incorporadas pelas donas de casa.

Compreender o significado das tarefas domésticas para as entrevistadas é um dos objetivos desta dissertação. Para atender a esse objetivo, buscou-se verificar se a organização, o capricho e a limpeza continuam fazendo parte do ideário feminino de execução das tarefas domésticas e se estes comportamentos estão sendo reproduzidos pelas mulheres curitibanas.

3 ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Conforme destacado na metodologia, as entrevistas foram precedidas pelo preenchimento de um questionário, que tinha como objetivo definir o perfil das mulheres entrevistadas.

A Tabela I, “Perfil das entrevistadas”, resume as principais informações de cada uma delas, montando um perfil da amostra escolhida. Pode-se observar que as entrevistadas tinham entre 28 e 53 anos de idade, sendo que 11 estavam na faixa de até 38 anos e quatro com mais de quarenta. Todas trabalham no setor de serviços, têm emprego formal, com exigência de escolaridade de nível médio. A maioria trabalha na área administrativa, sendo que 10 trabalham em empresas privadas, duas são servidoras públicas municipais e três são funcionárias de uma fundação de previdência e assistência social, ligada a uma empresa de economia mista.

Mesmo que um dos critérios estabelecidos para fazer parte da pesquisa tenha sido que a entrevistada deveria estar trabalhando em um emprego formal, com exigência de segundo grau completo, apenas quatro permaneceram com nível de segundo grau. Quatro têm o curso superior incompleto, cinco têm curso superior e duas têm pós-graduação. Isso mostra que essas mulheres valorizam a escolarização, buscando novos conhecimentos e preparação, mesmo que seu cargo atual não o exija. No caso das funcionárias públicas municipais, foi esclarecido que a escolaridade pontua para o avanço no plano de cargos e salários.

No que diz respeito à renda, observa-se que seis entrevistadas ganham até R\$ 1500,00, cinco até R\$ 2000,00 e quatro até R\$ 2500,00. Chama a atenção que somente uma tem renda superior a do parceiro, duas estão no mesmo patamar e a grande maioria tem renda inferior.

TABELA 3 – Perfil das Entrevistadas

Código da Entrevistada	Idade	Escolaridade	Filhos:sexo:anos	Cargo	Renda	Empregador	CEI integral	Renda parceiro	Diarista	Auxílio de familiares - cuidar filhos	Eletrodomésticos
Teste	28	2º grau	Menino: 2 Menina: 11	Manicure	1	Empresa Privada	Não	1	Não	Avó cuida de manhã	Básicos + 1
Alba	30	Superior Incompleto	Menino: 5 Menina: 11	Assistente Adm/Financ.	2	Empresa Privada	Particular	4	1 vez por semana	Avó 1º filha + presença	Básicos + 2
Alberta	37	Superior	Menina: 9	Assistente Adm/Financ.	3	Empresa Privada	Não	4	1 vez por semana	Não	Básicos + 8
Amélia	36	Superior	Menino: 6 Menina: 3	Agente administrativa	2	Funcionária Pública Municipal	Pública	3	2 vezes por mês	Avó 1º filho até 3 anos	Básicos + 6
Anelise	29	Superior	Menino: 8	Assistente de Biblioteca	1	Clube Social e Recreativo	Não	2	Não	Filho mora com a avó	Básicos + 2
Conceição	38	Superior Incompleto	Menino: 15 Menina: 11	Atendimento ao público	1	Fundação *	Não	3	Não	Não	Básicos + 3
Cristina	30	Superior Incompleto	Menina: 12 Menina: 7	Assistente Previdenciária	2	Fundação *	Não	4	Não	Irmãs	Básicos + 4
Dalva	45	Superior	Menina: 27 Neto: 10 **	Assistente de eventos	3	Empresa privada s/ fins lucrativos	Não	3	Não	Mãe cuida bisneto	Básicos + 7
Lucia	31	2º grau	Menino: 12	Secretária	1	Consultório Médico	Não	2	Esporadicamente	Irmão por 2 meses	Básicos + 2
Paula	29	Pós graduação	Menina: 2	Assistente Administrativa	3	Fundação *	Empregador	4	1 vez por semana	Não	Básicos + 4
Renata	36	2º grau	Menina: 14	Assistente de biblioteca	1	Clube Social e Recreativo	Não	2	Não	Avó quando pequena	Básicos + 3
Silvia	53	2º grau	Menino: 26	Técnica de enfermagem	2	Empresa privada	Não	1	Não	Não	Básicos + 7
Sofia	42	Superior Incompleto	Menino: 20	Encarregada Depto Financ.	3	Empresa Privada	Não	3	2 vezes por semana	Avó quando pequeno	Básicos + 6
Suzana	43	Superior	Menina: 16	Secretária de Diretoria	2	Empresa Privada	Não	3	Esporadicamente	Bisavó e avó	Básicos + 4
Violeta	35	Pós graduação	Menina: 13	Agente Administrativa	1	Funcionária Pública Municipal	Empregador	3	1 vez por semana	Avó	Básicos + 5

RENDA: 1- de R\$ 1000,00 a R\$ 1500,00;
 2- de R\$ 1501,00 a R\$ 2000,00;
 3- de R\$ 2001,00 a R\$ 2500,00;
 4- mais de R\$ 2500,00

ELETRODOMÉSTICOS:

Básicos – fogão, geladeira, máquina de lavar roupa, batedeira, liquidificador, microondas.
 - todas possuem, menos a Entrevistada teste que não possui microondas.
 O número após o termo básico indica quantos equipamentos possui a mais.

É interessante perceber pelos dados coletados que, para as mulheres entrevistadas, não há uma vinculação direta entre escolaridade e faixa de renda, já que tanto para uma pós-graduada como outra que tenha apenas o segundo grau a faixa de renda pode ser a mesma, ou seja, de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.500,00; ou ainda, uma com superior incompleto e outra com pós-graduação estão na faixa de R\$ 2.001,00 a R\$ 2.500,00.

Conforme já destacado anteriormente, ficou estabelecido que as entrevistadas não poderiam contar com o auxílio de empregada doméstica que trabalhasse todos os dias úteis a semana. Por outro lado, não havia impedimento ao auxílio de diarista. Mesmo assim, sete entrevistadas responderam que não contam com auxílio de diarista, duas contam esporadicamente, quatro uma vez por semana, e apenas duas contam com a diarista duas vezes por semana.

Na definição dos critérios metodológicos para conhecer o perfil das entrevistadas optou-se pela limitação de um teto de renda pessoal. Embora não tenha sido previsto que a renda do parceiro pudesse influir na contratação de empregada doméstica, percebeu-se que mesmo quando a renda dele aumentava significativamente a renda do casal, nenhuma das entrevistadas tinha uma empregada mensalista. Por outro lado, nota-se que pode haver influência para aquelas cuja soma de sua renda com a do companheiro totaliza menos de aproximadamente R\$ 3000,00. Estas efetivamente não contam com o auxílio de uma diarista. Somando-se a isso, e analisando em conjunto, a renda da entrevistada mais a renda do parceiro, percebe-se a tendência de que quanto maior a renda do casal, maior a probabilidade de contratação de diarista para o auxílio na execução das tarefas domésticas.

Como todas as entrevistadas possuíam fogão, geladeira, batedeira, liquidificador, máquina de lavar roupa e micro-ondas, ficou estabelecido que este grupo de eletrodomésticos seria denominado “básicos”, simbolizando um padrão mínimo de tecnologia disponível para essas mulheres, como facilitadores na execução das tarefas domésticas. Assim, na tabela aparece o número de eletrodomésticos a mais que cada uma possuía como, por exemplo, aspirador de pó, cafeteira, freezer, forno elétrico, sanduicheira, máquina de fazer pão. De maneira geral, as entrevistadas não sentem necessidade de novos eletrodomésticos. Algumas demonstraram interesse em produtos com inovações

tecnológicas mais recentes, como é o caso de máquina de lavar roupa que executa as tarefas de lavar e secar, em um só produto.

A maioria optou por ter apenas um filho (nove entrevistadas) e as demais por dois filhos. A opção por filho único apareceu, em alguns casos, como estratégia financeira, como destacou Lúcia, quando indagada se tinha filho único por opção:

É por opção mesmo. Meu marido sempre teve muito medo da parte financeira, colégio e todas as despesas que a gente tem que ter. Como ele não teve isso, ele quer dar para o filho dele, então ele tem medo. E eu também tenho medo, entendeu? Então por isso, eu fui na dele e é assim até hoje. Agora se Deus mandar outro filho pra gente... Mas a gente não fica planejando, entendeu? (LÚCIA).

E como resposta à divisão sexual do trabalho de cuidado:

Por questão financeira e por questão de tempo, né? A gente tira ela cedo da cama, leva para a creche, desde os 5 meses, depois pega, chega em casa, já está todo mundo cansado (falou com voz de cansada). Agora, que ela está com 2 anos e quatro meses, é que a minha casa parece que está voltando... a ficar com as coisas ajeitadas, sabe? Não, olha, eu trabalhei demais... Dizem que a segunda é mais fácil, mas eu penso nisso: se ele dividisse (ênfase no dividisse) comigo, até daria para ter, né? (PAULA).

O acúmulo de tarefas e responsabilidades levaram muitas mulheres a terem que fazer opções, como relatou Paula sobre a decisão de ter apenas uma filha.

A dificuldade de conciliação da vida profissional e da vida pessoal, acarretando impasses e decisões, aparece também na vida das mulheres de nível superior, como é o caso das engenheiras, conforme relato de Maria Rosa Lombardi (2006). A autora aponta que algumas adiaram ou rejeitaram a maternidade, outras optaram por uma vida celibatária, assim como, por outro lado, houve mulheres que decidiram priorizar a vida familiar.

A Tabela mostra também que a participação do Estado e do empregador é bastante modesta, sendo que apenas uma entrevistada conseguiu vaga na escola pública e duas obtiveram apoio do empregador.

Durante todo o processo de entrevistas ficou claro que todas as entrevistadas demonstraram interesse no assunto, falando de maneira descontraída e até, algumas vezes, emocionada, de seu cotidiano como mulher, companheira, mãe, dona de casa e profissional.

Chamou também à atenção o fato de todas as mães das entrevistadas já ter trabalhado em algum momento de suas vidas, em atividade remunerada fora do lar, sendo várias como empregadas domésticas e duas lavradoras. Essas mães, hoje avós, entraram no mercado de trabalho em empregos precários, sobretudo porque na época era raro o registro em carteira, porém conseguiram proporcionar às filhas um nível de estudo que garantiu empregos formais de nível médio. Somando-se a isso, permanecem ainda participando ativamente no cuidado dos netos. Mulheres que contribuíram, e continuam contribuindo de maneira efetiva, para a sustentabilidade da vida humana.

Foi também revelador perceber que não existe um padrão único de comportamento, um modelo de divisão sexual do trabalho. Durante as entrevistas, verificou-se comportamentos que se aproximam do modelo tradicional, de conciliação e até de parceria com a participação efetiva dos companheiros nas tarefas domésticas. O modelo de delegação apareceu em menor destaque pela delimitação da amostra, apenas com a participação de uma diarista, mas em alguns casos notou-se que a possibilidade de ter uma empregada doméstica era um sonho, um objetivo a ser alcançado.

Conforme destacado na metodologia, durante as entrevistas foi solicitado o preenchimento de um quadro “Execução das tarefas domésticas”, em que as entrevistadas dividiam numericamente a responsabilidade pelas tarefas domésticas entre os membros da família e com a diarista, quando fosse o caso. Embora não tivesse um objetivo quantitativo, e sim como um momento de reflexão, as informações recebidas são bastante ilustrativas, permitindo estabelecer algumas tendências. Dessa forma, foi efetuada uma Tabela-resumo “Tabela 4 – Divisão das Tarefas Domésticas”, que procura condensar as informações fornecidas.

TABELA 4 – Divisão das Tarefas Domésticas

Nome	Entrevistada	Parceiro	Filhos	Família Estendida	Diarista
Alba	66% - arrumação, limpeza Roupas, cozinhar, filhos	27% - Consertos, carro, levar e buscar filhos, supermercado	6% - arrumar quarto, Ajuda na louça (11 e 5 anos)		8% - limpeza
Alberta	51% - arrumação, limpeza, Roupa e cozinhar	26% - Consertos e filhos	6% - arrumar quarto, Ajuda na louça (9 anos)		17% - limpeza
Amélia	60% - arrumação, louça, Roupa, cozinhar	23% - Consertos e filhos			17% - limpeza
Anelise	48% - arrumação, limpeza Lavar e passar roupa	52% - Consertos, jardim, cozinhar Louça e mercado			
Conceição	47% - lavar e passar roupa, reunião Escola, demais divididas	44% - consertos, carro, jardim e lixo, demais são divididas	9% - arrumar o quarto Ajuda na louça (11 e 15 anos)		
Cristina	72% - arrumação, limpeza, roupa, cozinhar e mercado	24% - consertos e ajuda mercado E filhos	4% - arrumar o quarto, ajuda louça (12 e 7 anos)		
Dalva	24% - faxina no sábado e mercado	21% - cuidado com o neto, lixo mercado	9% - arrumar o quarto, animal doméstico, ajuda passar roupa (27 anos)	42% - bisavó: limpa/arruma cozinha, roupa. 15% -Bisavó: conserto, jardim e bisneto	
Lucia	47% - limpeza, arrumação e roupa, lixo e mercado dividido	45% - conserto, jardim, cozinhar, filho, lixo e mercado é dividido	9% - arrumar quarto, ajuda louça, lixo (12 anos)		
Paula	65% - arrumação, limpeza, roupa mercado e filha é dividido	28% - lixo, conserto, e jardim mercado e filha é dividido			7% - limpeza passar roupa
Renata	69% - rrumação, limpeza, roupa Mercado e filha	24% - consertos, jardim, lixo e ajuda na arrumação e limpeza	7% - arrumar quarto, ajuda na limpeza (14 anos)		
Sofia	34% - lixo, roupa, mercado, cozinhar, arrumação	24% - consertos, jardim, carro Animal domés. Ajuda louça	Filho (20 anos) não ajuda		42% - limpeza passar roupa
Silvia	50% - ênfase roupa e tarefas que exigem capricho	50% - ênfase consertos – marido começa faxina na quinta			
Suzana	53% - ênfase na limpeza, arrumação, roupa e lixo= dividido	40% - cozinha e conserto Arrumação, roupa e lixo= dividido	4% - arrumar o quarto e ajuda(16 anos) é resistente		3% limpeza
Violeta	44% - cozinhar, roupa, lixo, filha Mercado, arrumação	22% - Consertos, jardim, calçada e lição da filha	18% - ajuda na arrumação, limpeza, animal dom. (13 anos)		16% - Limpeza passar roupa
Teresa	52% - arrumação, limpeza, roupa, cuidado filhos	19% - consertos, ajuda arrumação limpeza, cozinha, mercado e filhos	14% - louça e lixo (menina 11 anos)	15% - Avó e tia: cuidado filhos	

É necessário reforçar a dificuldade de se trabalhar com esses dados, que têm um caráter subjetivo, baseado na percepção individual. A divisão das tarefas não foi efetuada, levando-se em conta a dificuldade do trabalho, ou o tempo necessário para executá-lo. Também não foi considerada a frequência de execução, que é diversa, dependendo do tipo de tarefa. Por exemplo: o conserto de equipamentos, que com certeza é eventual, teve o mesmo valor de lavar louça, que é uma atividade diária.

A dificuldade de se atribuir valor quantitativo às atividades domésticas aparece claramente na participação das diaristas. As que trabalham uma vez por semana obtiveram valores que variaram de 3% a 17%, conforme a avaliação efetuada pela entrevistada.

Mesmo com todas essas limitações, pode-se perceber que as mulheres permanecem como principais responsáveis pelas tarefas domésticas, com exceção da Anelise, que atribuiu um quantitativo maior de atividades ao marido e Silvia, que fez questão de dividir equitativamente as tarefas, reforçando a sua crença de que vive um modelo de parceria com o companheiro. Conceição e Lúcia atribuíram percentuais muito próximos, porém com uma pequena margem para elas. Suzana, que vive hoje um segundo relacionamento, também atribuiu valores próximos para si e para o companheiro, salientando firmemente que “não moraria com alguém que não dividisse as tarefas”.

Fica claro também, que os consertos, atividades tradicionalmente consideradas masculinas, que envolvem a utilização de ferramentas e exigem o conhecimento do funcionamento de máquinas e equipamentos, foram atribuídos aos parceiros, na grande maioria das vezes. Jardinagem e o acondicionamento do lixo apareceram também como atividade majoritariamente dos homens, de acordo com a distribuição das entrevistadas.

Notou-se também que os parceiros mais participativos aventuram-se mais na cozinha, dividem o cuidado com os filhos e, com menor frequência, ajudam na arrumação e limpeza.

Para todas as entrevistadas a arrumação e a limpeza fazem parte de suas responsabilidades. Quando dividem essas tarefas, o fazem com outras mulheres, seja a diarista ou a mãe. Esta constatação confirma os achados teóricos citados anteriormente, que destacam a influência do modelo de formação da sociedade

brasileira, que coloca a mulher como responsável pelo alcance do ideal da família: “burguesa e higienizada”.

O caso de Dalva ilustra essa divisão de tarefas, em que as mulheres da família ficam com a limpeza e os homens começam a participar cuidando das crianças e cozinhando. Enquanto estava preenchendo o quadro da divisão das tarefas, Dalva pensava em sua rotina nos dias de semana, fazendo a divisão numérica baseada nessa realidade. Porém, durante a entrevista, ela comentou sobre os finais de semana, lembrando que nesses dias a mãe, que tinha ficado com 42% das tarefas, ia para a casa da irmã. Ela então faz a faxina do sábado e o marido cuidava do neto e da cozinha. No quadro não aparece o marido cozinhando, mas isso fica claro no discurso, quando ela chega a afirmar que “na verdade quem gosta de cozinhar é meu marido, eu não sou muito chegada, ele faz por prazer, eu por obrigação”.

Chama a atenção a pouca participação dos filhos nas tarefas domésticas, demonstrando, na maioria dos casos, uma tendência das entrevistadas em poupá-los. Neste quesito, parece que elas não repetiram o comportamento de suas mães, já que em seus discursos, aparecem histórias de suas participações nas tarefas domésticas, auxiliando suas mães.

Quando o quadro “Execução das tarefas domésticas”, que faz parte do questionário, foi elaborado, a dimensão subjetiva da sustentabilidade da vida humana não foi abordada. Cristina Carrasco faz uma divisão das dimensões: 1 – objetiva, que diz respeito ao atendimento das necessidades biológicas; 2 – subjetivas, que envolvem a afetividade e o cuidado psicológico, relações e laços humanos. Ocorre, porém, conforme será abordada em uma categoria de análise, que ficou evidente a importância da participação das avós na dimensão subjetiva das tarefas de cuidado dos filhos. Em alguns casos, a participação das avós ocorreu quando os filhos eram menores, e em outras ainda ocorrem. Em ambos os casos dificilmente poderia ser quantificadas. O afeto e a transmissão do conhecimento ligado aos relacionamentos e aos laços humanos é provavelmente a tarefa menos mercantilizável do trabalho de cuidado.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Foram definidas quatro categorias de análise: 1 - significado e importância das tarefas domésticas e construção sócio familiar dos modelos de comportamento; 2 – divisão das tarefas e conflitos; 3 – cuidado com os filhos; 4 – tecnologias domésticas.

3.2.1 SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS E CONSTRUÇÃO SÓCIO-FAMILIAR DOS MODELOS DE COMPORTAMENTO

Embora já comentado, salienta-se mais uma vez que todas as entrevistadas demonstraram bastante interesse no assunto, pois é algo que faz parte de suas preocupações cotidianas, o desafio diário para dar conta de suas responsabilidades, conciliando trabalho remunerado e não-remunerado. É recorrente o fato das entrevistadas considerarem que é de responsabilidade da mulher a execução das tarefas domésticas, mesmo quando há uma participação efetiva ou disponibilidade de participação por parte do parceiro. Isto coincide com os resultados da pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado” da Fundação Perseu Abramo (2004), citada no Referencial Teórico, que diz que 71% das entrevistadas concordavam com a frase “não importa quem faça o trabalho doméstico, desde que a mulher defina como fazer”. Foi possível identificar que algumas ainda acreditam que quem deve definir como a tarefa doméstica deve ser efetuada é a mulher.

Eu acho importante eu fazer, porque eu sei como eu estou fazendo, entendeu? Uma por causa do tempo. Tipo... tem pessoas que começam a fazer um negócio e elas ficam se enrolando a manhã inteira, né? Então, eu gosto de fazer porque eu sei da minha rapidez e de como eu vou fazer, entendeu? Não gosto muito de pessoas fazendo por mim, entendeu? Não tenho muita paciência (LÚCIA).

Não, eu acho que sempre vai ser da mulher, porque digamos assim o cozinhar, se eu deixar sob a responsabilidade dele, ele vai ligar para o disk pizza, ou só vai comprar congelado, né? (risada) Ele não vai pensar: compra uma lasanha congelada, mas faz uma salada. Ele vai sempre pensar na maneira mais fácil. Ele diz que não sabe, que não tem essa coisa... se for demorar muito para fazer, deixa que eu faço.(risada) Mas ele ajuda bastante, mas acho que eu não vou conseguir 50 e 50 por cento (AMÉLIA).

Levando-se em conta que a conciliação do trabalho remunerado e do não-remunerado absorve muito do tempo disponível dessas mulheres, observou-se que, para algumas, é mais fácil e rápido fazer a tarefa do que ensinar ou mesmo negociar a divisão do trabalho. A repetição de comportamento, aprendido desde a infância, tanto em brincadeiras quanto auxiliando as mães em casa, propicia uma experiência prática que envolve destreza e agilidade na execução das tarefas domésticas.

Essa mesma aprendizagem no ambiente doméstico familiar foi destacada no artigo de Carvalho, Feitosa e Silva (2006) "Gênero entre estudantes de tecnologia brasileiros(as) e alemães(ãs): uma comparação". Na referida pesquisa ficou evidente que a experiência dos rapazes, vividas através de brinquedos e atividades lúdicas, os aproximaram das habilidades técnicas, tendo como modelo o pai, que representava a soberania no manuseio da tecnologia.

Meninas brincam de boneca e de casinha, meninos de carrinho e ferramentas.

Esse tipo de comportamento remete ao que Goffman (2002) chama de "reflexibilidade institucional", ou seja, características da organização social, que tem como objetivo confirmar estereótipos de gênero e as formas de arranjos entre os sexos; ou ainda ao "Habitus" de Bourdieu. Assim, mesmo vivenciando conflitos e acúmulo de atividades, as entrevistadas mostraram que acabam reforçando comportamentos e assumindo as responsabilidades.

Em alguns momentos foi possível perceber a repetição de frases e ditos populares, com forte viés de gênero, que reforça mitos e estereótipos. Estes momentos, frequentemente inconscientes e automáticos, remetem às afirmações de Goffman sobre o "jogo dialético de identidade", em que homens e mulheres, numa forma de ritual, agem e falam como é ser homem, como é ser mulher.

Ao ser questionada sobre a sua opinião sobre a Licença Parental e a possibilidade de seu marido usufruir a referida licença, Sofia diz: " Não, acho que não teria paciência. Acho que isso é coisa de mulher, mesmo". Outro exemplo é a fala de Renata sobre o cuidado com a filha: "É, porque eu tenho filha mulher, eu acho que quando é um filho homem você solta mais para o marido, dar um banhinho, levar no futebol, esse tipo de atividades mais masculinas".

Esse mesmo jogo dialético de identidade, que coloca somente para a mulher a responsabilidade com os filhos pequenos, pode ser observado na prática de algumas empresas, como é o caso da Fundação em que trabalha Paula. Tal Fundação tem como benefício o auxílio através de recursos financeiros para reembolso de pagamento de pré-escola para as funcionárias mulheres – mães de filhos em idade pré-escolar, mas não para os pais. Provavelmente, parte do princípio que esses pais têm esposas que assumem essa responsabilidade.

Comportamentos incorporados por práticas e exemplos vivenciados no ambiente familiar também foram abordados por Kaufmann (1992) citado no referencial teórico: “o poder da imposição social, não do exterior, mas sim do que foi incorporado em cada um, de maneira pessoal e concreta, nas maneiras de ser e agir aparentemente sem consequências, que fazem o que a pessoa é”. Sem pensar, assumem as tarefas e acumulam responsabilidades.

Durante as entrevistas ficou claro o poder de influência do comportamento das mães das entrevistadas, no seu comportamento atual. Com as mães, na vivência do cotidiano, essas mulheres aprenderam o que é ser mulher. Um dos exemplos de Goffman, citado no referencial teórico para explicar a reflexibilidade institucional, mostra a família como agente de socialização. A educação do que é ser mulher envolve brincadeiras consideradas de “menina”: brincar de boneca e de casinha.

A gente é educada, pelo menos a nossa geração, desde cedo para ser dona de casa e ter filho. Mal você anda e já te dão uma boneca para você cuidar. É ou não é? E menino não, sabe? A gente já ganha vassourinha, rodinho. Os meninos não ganham máquina de cortar grama, não ganham bebê para tomar conta, aprender a trocar fralda, nada...Então, quando eles são pais, eles não ... Demora para cair a ficha para os homens, sabe? Vai cair bem mais tarde. E mulher não, você já deseja aquilo antes. Então quando acontece você já esta preparada. Pra eles não (SOFIA).

É possível também entender o processo de significação da divisão sexual do trabalho e, mais especificamente, das tarefas domésticas, analisando as falas das entrevistadas, referentes à vivência como filha, e hoje, como mãe e dona de casa.

Quem cria são as mães, e as mães são mulheres, então a gente acaba repetindo muita coisa. As vezes eu me enxergo na minha mãe (SUZANA).

Quando eu morava com a minha mãe? Ela também tinha a mesma figura que eu tenho hoje, pra você ver como isso realmente passa de mãe para filha (RENATA).

Minha mãe sempre trabalhou fora, também sempre essa correria, de chegar em casa e... tem uma música da Elis Regina que diz que a gente "é como nossos pais"... às vezes eu tô em casa e penso: minha mãe fazia do mesmo jeito, acho que a minha filha vai fazer do mesmo jeito. Foi a maneira como a gente foi criada, não tem como... a fruta não cai muito longe do pé, né? (AMÉLIA).

Sim, repeti. Repeti bastante. E eu fico me policiando o tempo inteiro, porque têm coisas que eu não gostava na minha mãe fazendo, e aí eu fico me policiando (PAULA).

Sim, minha mãe trabalhava fora, ela sempre trabalhou...o meu pai também não ajudava nas tarefas de casa. Nas tarefas domésticas não (VIOLETA).

Em todos esses depoimentos vê-se a reprodução de comportamento das mães. Mães que já tiveram trabalho remunerado fora do lar e que passaram pela experiência de ter que conciliar e tentar dividir tarefas. Na maioria das vezes, no caso das entrevistadas, o auxílio vinha das filhas. O capricho e a organização eram estimulados: louça suja na pia, inadmissível.

A repetição de comportamentos é bastante evidente, inclusive nos hábitos de limpeza, utilizando o sábado como "o dia oficial da faxina". Dalva chega a dizer que eles brincam em casa falando que "sábado é o dia da doméstica". Mesmo as que contam com o auxílio de diarista dedicam parte do tempo do sábado para execução de alguma tarefa doméstica. O primeiro dia de descanso semanal remunerado é dedicado às tarefas domésticas. Violeta lembra com detalhes do tempo que ajudava a mãe:

Então eu sempre lembro da minha mãe nos finais de semana, no sábado, a gente ficava em casa fazendo aquela faxina, sabe? Era daquelas casas de assoalho, de encerar, passar enceradeira, então sábado era dedicado pra faxina. Começava cedo, inclusive todo mundo levantava cedo no sábado, e ia até 5, 6 horas da tarde fazendo faxina na casa (VIOLETA).

Em alguns casos, o trabalho do sábado conta com a participação de todos os membros da família, em outros não. A participação masculina é mais frequente nas áreas externas da casa como calçada e jardim. Violeta contou que fez um acordo com o marido, desde o início do casamento, que estabelecia que jardim,

calçada e manutenção da casa ficariam por conta do marido, e ela se responsabilizaria pelas tarefas de dentro da casa. Em outro momento disse que seu pai lavava a calçada e fazia o jardim, exatamente as mesmas tarefas que seu marido executa.

Mas, se por um lado a reprodução de comportamentos reforçou a permanência de uma divisão sexual do trabalho tradicional, por outro, notou-se que as mães e as sogras das entrevistadas também colaboraram com mudanças nestas mesmas divisões, ao ensinarem e incentivarem a participação dos filhos homens nas tarefas domésticas. Isto pode ser observado nos diálogos abaixo:

- E você tinha irmãos homens?
 - Tenho irmãos homens.
 - E eles participavam?
 - Participavam. E hoje eles participam também das atividades da casa.
 - Então ela ensinou-os a colaborarem com as tarefas?
 - Sim, até porque teve um período que eles moraram sozinhos, então eles sabem fazer. Antes de casar eles moravam sozinhos, então eles sabem cozinhar e fazer todo o serviço, e hoje eles ajudam as esposas (RENATA).

- E na casa dele, quando era solteiro, como era?
 - Ele é o mais novo de 7 irmãos. A mãe dele diz que como eram todos homens, ela ensinou o serviço de casa para eles. Se for para limpar um banheiro, ele limpa melhor do que eu. Ela fazia eles encerarem a casa, passar o escovão. Ela fazia eles fazerem tudo, tanto que os mais velhos são super caprichosos com essas coisas de casa. Então, ele faz, ele sabe fazer, ele faz (SOFIA).

A mãe dele, na verdade... ele teve que se virar sozinho. Eu lembro quando a gente namorava, ele fazia comida para mim. Ele faz uma massa...Veio da mãe dele. É educação que ela deu para ele. Eu estou mal acostumada (CONCEIÇÃO).

Silvia relatou sua experiência contando que quando tinha seis meses o pai desapareceu, sem deixar vestígios, e a mãe teve que assumir a responsabilidade pela criação dos cinco filhos. Mudaram-se para o interior de Santa Catarina, onde morava a avó e os tios. A mãe foi trabalhar na lavoura, para terceiros. Recebia dos patrões insumos e empréstimo de equipamentos para trabalhar a terra e, dessa forma, alimentava a família. Os irmãos mais velhos ficaram responsáveis pelas irmãs menores, com a supervisão distante da avó e dos tios. Os meninos realizavam todas as tarefas domésticas. Quando a mãe chegava em casa, orientava como e quando deveriam fazer. Os meninos

estudavam, um de manhã e outro à tarde e, assim, dividiam as tarefas e responsabilidades.

É interessante perceber como a vivência como filhos e filhas, o aprendizado, no ambiente doméstico, do que é ser homem e do que é ser mulher, influenciou o comportamento tanto das entrevistadas quanto de seus maridos e irmãos.

Além das mudanças implementadas pelas mães e sogras, o anseio de mudança também pode ser observado no discurso das entrevistadas, optando por educar seus filhos de uma maneira diferente, mais equitativa no que se refere à divisão sexual do trabalho. Amélia, ao recordar de seu irmão, afirmou:

Lavava. Agora que você falou que eu me toquei: meu irmão mais novo ele saiu de casa muito cedo, porque ele engravidou a namorada e saiu de casa, mas o meu outro irmão um pouco mais novo que eu... nós fomos os últimos a casar... e ele, eu lembro que passava as camisas dele... quando eu casei, eu falei para o meu marido: eu não sei passar camisa de homem, porque lá em casa era meu irmão que passava as camisas dele. Ele teve sempre esta postura independente, daí ele casou, morou sozinho, daí agora que eu me toquei, eu gostaria que o meu filho tenha o meu irmão como exemplo (AMÉLIA).

E Alba, afirmou ao comentar sobre a educação do filho:

Eu pensava: não quero ter um filho machista, queria um homem diferente, que seja carinhoso. Não queria aquela coisa de ensinar para o menino aquelas coisas de violência (ALBA).

Paula afirma:

É, por isso que eu sempre falo para as minhas amigas que tem filho menino: ensina tudo que menina faz. Ensina a lavar a louça... Eu tinha um amigo, quando eu trabalhava na outra empresa, final de semana ele ajudava em casa, nas mesmas coisas que a irmã dele. Ele tinha que limpar vidro, ele tinha que lavar roupa. Era ele, a mãe e a irmã. Ele e a irmã. A mãe dividia as tarefas igual. De certo quando ele casar, ele vai ajudar a esposa, né? Eu penso que é por aí (PAULA).

Percebe-se assim, que se por um lado ainda ocorrem casos de reprodução de comportamentos, por outro, nota-se a vontade de alterar esse ciclo, pensando em maneiras alternativas de educação dos filhos.

Esses questionamentos mostram que existe um movimento de autorreflexão e questionamento por parte dessas mulheres que, segundo

Habermas, é um passo importante na conscientização e recuperação do processo de opressão, com vistas à emancipação.

3.2.2 DIVISÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS E CONFLITOS

A diversidade e a pluralidade encontram-se presente nos arranjos entre os sexos, dentro da família, para a execução das tarefas domésticas. Isto é constatado nos discursos das entrevistadas que vivenciam realidades diferentes, mesmo fazendo parte de um mesmo contexto histórico e com uma situação social e profissional semelhante. Percebe-se que é um período de mudanças, em que convivem, ao mesmo tempo, repetição e mudanças de comportamento, tanto em nível pessoal, quanto social, numa dinâmica de avanços e retrocessos. Lúcia relata um período de sua vida em que o marido teve uma participação bastante efetiva:

Quando a gente não queria ficar comprando comida, o que é que ele fazia: ele fazia o almoço, colocava arrumadinho num potinho e passava no meu trabalho, eu já estava aqui, deixava a minha comida, todo santo dia. Isso eu acho que ficou assim, perto de um ano, ele fazendo isso. Chegava aquilo fresquinho. Isso é muito legal, né? Eu tenho que tirar o chapéu pra ele (LUCIA).

Conceição comenta sobre seu irmão:

A mulher dele, do meu irmão, não quer saber: não cozinha, não lava, não nada. Ela fala assim: eu não fui criada pra isso. (risada) Fica tudo para ele (CONCEIÇÃO).

Esses são exemplos pelos quais se percebe uma tendência à equidade, com a efetiva participação masculina nas tarefas domésticas. Ocorre, porém, que são pontuais e não uma vivência padrão das mulheres entrevistadas.

Assim, verifica-se mais uma vez, que os arranjos entre os sexos mostram-se bastante variados, em processo de mudança, em que existem pessoas conscientes dessas mudanças e outras começando a observar.

Foi interessante observar que, após o preenchimento do quadro de divisão de tarefas, algumas entrevistadas se admiraram com o resultado, assim como, em alguns casos, o resultado não foi coincidente com o discurso.

- Olhando os resultados, como você vê a divisão das tarefas domésticas na tua casa?
- É, ele faz mais do que eu, né? (ficou quieta, pensativa, parecendo surpresa).
- Você estranhou o resultado? Como você percebe o dia a dia?
- Eu percebo que eu faço mais. Porque lavar a roupa e passar a roupa ele não faz de maneira nenhuma. O que ele faz é estender pra mim, é recolher. Mesmo assim eu não gosto que ele estenda, porque eu sou muito perfeccionista, tem que estar certinho assim, sabe? Mas ele cozinha e eu não. Ele adora cozinhar. Mas eu achava que eu fazia mais... (ANELISE).

Anelise demonstra resistência em aceitar a participação. Talvez uma preocupação excessiva com a forma de execução, já que ela mesma se considera perfeccionista. Romper estereótipos e mitos parece ser uma tarefa difícil. Às vezes não há consciência e talvez até mesmo resistência.

Conceição também ficou surpresa com o resultado:

Eu até acho que ele faz muito, sabe? Ele faz muito mesmo. Por ser homem, ele ajuda bastante. A gente nunca está satisfeita, mas pelo que eu vejo aqui, ele faz muita coisa (CONCEIÇÃO).

A frase “por ser homem, ele ajuda bastante” é significativa, mostrando como os mitos e estereótipos estão impregnados no imaginário das mulheres.

Ao ver o resultado do quadro, Alberta percebe que a divisão não está equitativa e se questiona:

Eu acho que é uma questão de cultura, né? Porque a minha mãe... meu pai não fazia nada, nada, zero. Meu marido já faz um pouquinho. Minha mãe diz que é a gente que acostuma mal, que não põe os limites em casa, a responsabilidade de cada um (ALBERTA).

Mais uma vez aparece a experiência familiar. Neste caso, Alberta reconhece que houve uma evolução em relação à sua mãe e que as duas já conversaram sobre o assunto. Ao definir que é a mulher que acostuma mal, a responsabilidade permanece só com ela e não do arranjo estabelecido entre os dois.

Questionamentos estão presentes de alguma maneira na fala de todas as entrevistadas, o que vem a confirmar os achados teóricos, citados no referencial, como o de Kergoat (2009), que fala em “pensar a dialética entre invariantes e variações” e “estudar ao mesmo tempo deslocamentos e rupturas”; e Sorj (2005), que os entendem como “um importante campo de ambivalências, sugerindo a convivência de valores tradicionais e igualitários no sistema cultural dos brasileiros”.

Embora o quadro de divisão de tarefas não tivesse como objetivo uma avaliação quantitativa, foi possível ver que das 15 entrevistas, em apenas duas registrou-se uma maior participação masculina do que feminina e, também em duas, houve uma distribuição equitativa. Nas demais, isto é em 11 entrevistas, a participação feminina é maior, o que demonstra que a sustentabilidade da vida humana, como definida por Carrasco, é ainda, na maioria dos casos, uma atribuição das mulheres.

A conciliação entre trabalho remunerado e não-remunerado, o cuidado com os filhos, enfim o acúmulo de responsabilidades, muitas vezes sem a participação e cumplicidade do companheiro, têm sido opressivos e difíceis.

Como consequência dessa divisão não equitativa, surgem os conflitos, como mostram as declarações abaixo:

Não sei se é um defeito da gente assumir as coisas, porque eu não posso... eu não aguento esperar que faça. A gente tem bastante briga por isso, sabe? (PAULA).

Ele não adianta, as coisas de casa ele não faz. De jeito nenhum. Não adianta pedir, implorar, não adianta. Só que assim... ele é organizado. As coisas dele, ele arruma. Só que ajudar no dia a dia, deixar a casa em ordem, não (ALBA).

É possível ver que, ao mesmo tempo em que falam em conflitos e brigas, acabam, de alguma forma, se culpando, ou ainda, desculpando o companheiro: “não sei se é defeito da gente...”; “As coisas dele, ele arruma...”.

Para Violeta, o período de conflitos e brigas foi quando estava fazendo um curso de pós-graduação à noite. Esse curso era importante para a sua carreira profissional, pois ao obter o título teria mais chance de crescimento, conforme o plano de cargos e salários da instituição em que trabalha. Trabalhar o dia inteiro,

estudar a noite e fazer os trabalhos escolares e as tarefas domésticas no final de semana a estavam deixando cansada, irritada e estressada, conforme suas palavras.

- Eu brigava direto porque... às vezes nem tinha tanta bagunça, mas eu estava estressada porque trabalhar o dia inteiro, de noite estudar, final de semana fazer trabalho e tudo. Então aquilo me irritava, por coisa mínima, eu me irritava... Ele reclama muito, ele não gosta de bagunça, não gosta de sujeira. Ou as vezes quando tem alguma coisa ele diz: já faz 6 meses que esse negócio esta fora do lugar, não dá para guardar?
- Ele não guarda?
- Não.
- Ele também não vai lavar?
- Não ele lava o que ele suja, agora se sou eu que sujo, ou a minha filha que suja, ele não lava. Ele não lava, mas ele dá bronca, se tem alguma coisa... as vezes eu digo assim pra ele: não vai cair pedaço da mão se você lavar louça, varrer, sabe? (risos) (VIOLETA).

Este é um exemplo de divisão sexual do trabalho do modelo tradicional e de opressão em que o marido, além de não participar, é capaz de reclamar das tarefas não efetuadas, mesmo sabendo da importância do curso para a carreira profissional da mulher.

A invisibilidade e a não valorização das tarefas domésticas, pela sociedade em geral, assim como no âmbito familiar e, sobretudo, a já referida reprodução de comportamentos, dificultam ainda mais a resolução dos conflitos decorrentes da divisão sexual do trabalho no lar. Pode-se perceber nos discursos das entrevistadas que, mesmo que tenham sido estimuladas a estudar e ser independentes, elas não estão preparadas para negociar uma divisão mais equitativa, uma maior participação masculina. Alba precisou passar por problemas físicos, de saúde, para enfrentar a situação e reagir:

É, como eu vi que estava me dando problemas físicos, parei para pensar: nossa! O que é que eu estou fazendo? Às vezes é uma loucura a gente trabalhar fora e dar conta de filho, marido, tudo, né? E ainda querem ter a mulherzinha, a hora que eles querem, né? (risada) Aí eu comecei a deixar de ser calada, comecei a argumentar mais e está dando resultado, ainda bem. Uma hora tem que dar, senão a gente não aguenta (ALBA).

Alba afirmou também, que o marido está em situação financeira melhor e que ele prefere contratar uma empregada doméstica que fazer o trabalho:

A gente já se estressou muito por causa dessa questão. Agora a gente tomou a decisão de pegar alguém para ajudar (ALBA).

Amélia fala que a possibilidade de contratação de uma empregada doméstica, em futuro próximo, é uma “luz no fim do túnel”. Percebe-se assim, que o modelo de delegação poderia estar mais presente se o nível salarial das entrevistadas fosse maior e que esse modelo é vislumbrado como solução de conflitos vinculados a divisão sexual do trabalho doméstico. Novamente a solução será através de uma mulher. É outra mulher que também deverá conciliar vida profissional e familiar e que, com certeza, enfrentará maiores dificuldades, sobretudo financeira. Socialmente o problema não se resolve, transfere-se em parte.

Outro fator observado foi a presença da culpa por parte das mulheres quando, por algum motivo, não realizam as tarefas domésticas.

Eu só fico bem se estiver tudo em ordem. Se não, não fico bem, não adianta. Às vezes eu até tento, as vezes num sábado, dar uma relaxadinha, mas quando eu vejo eu estou com a vassoura na mão. (risada) Não tem jeito, não adianta (LÚCIA).

As vezes eu sinto. As vezes, quando eu chego em casa e tem aquele monte de coisas que eu não fiz na noite anterior, ah, eu devia... talvez se eu tivesse dormido mais tarde, uma meia hora, poderia ter deixado mais organizado. É eu sinto a culpa de quando eu não faço (AMÉLIA).

É interessante observar que a negociação de tarefas, o enfrentamento dos conflitos através do diálogo e da troca, não apareceu como uma possível estratégia a ser utilizada. Goffman diz que as mulheres não são estimuladas e ensinadas a reagir, e provavelmente também não o são para negociar.

A pesquisa apontou que, dos modelos de Divisão Sexual do Trabalho definidos por Hirata (2007), o que mais apareceu foi o da Conciliação, cabendo à mulher a maior parte das responsabilidades no trabalho doméstico, embora tenha também aparecido os modelos Tradicional e de Parceria.

Isso mostra, mais uma vez, que o momento atual é de avanços e retrocessos e que como em uma espiral cada superação e crescimento corresponde a um passo atrás, porém sempre num movimento de evolução. Ou seja, ao mesmo tempo em que as mulheres repetem e reforçam comportamentos estereotipados, rompem, em algumas situações, com maior ou menor esforço,

esses mesmos ou outros estereótipos do que é ser mulher e do que é ser homem. E esses rompimentos estão ocorrendo de maneira crescente.

3.2.3 CUIDADO DOS FILHOS

A divisão sexual do trabalho de cuidar dos filhos, conforme relato das entrevistadas, é um pouco mais equitativa do que as demais tarefas domésticas. Amélia e Alberta mudam o discurso quando comentam o assunto:

Agora de manhã cada um ajuda uma criança se vestir, dá uma olhada na agenda, vê se precisa de alguma coisa, eu coloco a mesa, e enquanto eu ajudo as crianças a escovar os dentes ele tira a mesa que a gente tomou o café, então é uma engrenagem daí, né? Meu apartamento é pequeno, então é uma engrenagem, um vai fazendo isso, outro vai fazendo aquilo. Tanto que quando ele viaja eu sinto, eu percebo a falta que ele faz, eu fico sozinha com os dois e normalmente a gente sai atrasado. É uma parceria (AMÉLIA).

Meu marido faz tudo pela minha filha, ele não se importa de fazer as coisas para ela, mas para a casa não (ALBERTA).

Respondendo à pergunta se o marido optaria por uma licença parental, ou uma licença paternidade maior, Alberta responde:

Sim, acho que sim. Ele sempre gostou muito de ficar com ela, de cuidar. Sim, com certeza, se tivesse ele iria adorar. Ele seria um dos primeiros a apoiar (ALBERTA).

Diferente de Sofia, que acha que isso é “coisa de mulher”, Alberta já se entusiasma com a ideia, mostrando novamente a coexistência de opiniões e vivências diferentes e até mesmo conflitantes.

Por outro lado, no trabalho de cuidado dos filhos nota-se que as entrevistadas utilizam um número mais variado de estratégias: algumas não trabalhavam enquanto os filhos eram pequenos, como foi o caso da Conceição e Silvia; quatro colocaram seus filhos em Centros de Educação Infantil – CEI, antigamente chamadas de creche, em período integral; Alberta optou por uma escola em tempo parcial e negociou com o empregador para trabalhar meio

período; e, o que mais se destacou, foi a participação da família estendida, sobretudo das avós.

Conforme os dados apresentados, a participação do Estado na disponibilidade de vagas em CEI, em Curitiba, prioriza as crianças em situações de risco social. O que dificulta a conquista dessas vagas para os filhos das entrevistadas é o seu padrão econômico e social. Amélia é servidora pública municipal e conseguiu uma vaga na chamada “Creche Funcionário”, que anteriormente acolhia os filhos dos servidores municipais. Violeta, mesmo sendo servidora municipal, teve dificuldade de conseguir vaga na mesma creche, porém conseguiu na creche da Secretaria Estadual da Agricultura, já que seu marido trabalhava, na época, na referida Secretaria. É flagrante nos discursos das duas a satisfação com a experiência:

Era como se fosse particular, uma escola muito boa. Ela entrou com 8 meses e saiu de lá com 7 anos, porque eles ainda tinham o contra turno. Então no primeiro ano ela ficava de manhã lá e a tarde ia para a escola que ficava bem na frente da escolinha, então as professoras levavam ela lá. Lá ela tomava o café da manhã, o lanche, almoçava, tomava o lanche da tarde e a janta eles davam para tomar em casa. Na época da escolinha eu estava tranquila (risos). Sabe que a minha filha usou muita fralda de pano. A minha sogra fez 80 fraldas de pano para a minha filha, então as vezes eu mandava com fralda de pano, e até as fraldas vinham lavadas. Ela não vinha seca, mas vinha lavada e enrolada, assim, era só eu colocar para secar. Aquela escolinha era maravilhosa. Meu Deus! Olha, um tempo muito bom. Foi o melhor tempo (VIOLETA).

Não sei se você conhece a creche “Funcionários I”. Ela foi construída com recursos do IPMC (Instituto de Previdência do Município de Curitiba). Ela foi construída para os filhos dos funcionários. (hoje ela atende a toda população) É uma creche excelente. E eu falo pra todo mundo. Minha sogra quando eu falei que ia colocar numa creche pública, ela quase surtou. Mas a creche pública está mudando, não é mais um depósito de crianças, quando você via aquela criançada com nariz escorrendo... Hoje eles têm uma programação, eles têm um horário de atividades. A criança não fica lá o dia inteiro desenhando ou brincando de massinha. E para cada atividade... eu sei porque faço parte do conselho da creche... para cada atividade, eles tem um propósito, então ajuda muito, nossa é excelente (AMÉLIA).

Conforme se pode observar, a visão estereotipada da creche pública está ainda bastante presente. A supervalorização da escola privada, e o receio de não estar fazendo a opção mais adequada para seus filhos tem também limitado a busca por vagas, assim como a pressão junto ao poder público para implantação

de novas unidades. Alba, quando questionada se teria tentado vaga em creche pública, respondeu:

Creche não, acho que eu não teria coragem. Como ela já tinha 5 anos, daí já sabe falar, já conta, se tivesse acontecido alguma coisa ela contaria. Eu coloquei lá (escola pública), primeiro no prezinho para ver se seria bom, e acabou sendo muito bom, ela foi ficando até a quarta série, mas acho que a creche não (ALBA).

O receio de que alguma coisa aconteça e que a criança não consiga se expressar impediu Alba de, pelo menos, tentar uma vaga em um Centro de Educação Infantil Público.

Paula é funcionária de uma Fundação de previdência e assistência social ligada a uma empresa de economia mista, que fornece um auxílio financeiro de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) por mês para o pagamento de escolas de acolhimento de crianças em idade pré-escolar. É interessante salientar que esse benefício é concedido apenas para as mulheres, os homens com filhos em idade pré-escolar não recebem. Eles começam a receber um auxílio financeiro apenas após a criança entrar no ensino fundamental. E a partir desse momento, homens e mulheres recebem o mesmo benefício. Paula também se mostrou muito satisfeita com a experiência de colocar a filha em um Centro de Educação Infantil em período integral, porém, quando indagada se colocaria numa escola pública respondeu:

Eu não gostaria (falou meio baixo). Tanto é que nós já temos um combinado, que nós queremos quitar a nossa casa, antes de terminar aqui a bolsa, né? Para que a gente possa por ela numa escola boa (PAULA).

Alba falou em não ter coragem para colocar a filha em um Centro de Educação Infantil público; Paula também não gostaria; Amélia afirmou que a sogra quase “surtou”. Isso demonstra que a imagem da educação pública é ainda, em alguns casos, deturpada, não coincidindo com a realidade. Amélia relembra o mito da creche como depósito de crianças com o nariz escorrendo.

Este mito da educação infantil pública pode estar contribuindo para que a pressão junto ao poder público, para o aumento de vagas, não seja efetiva. Por não considerarem prioritário e necessário, essas mães não visualizam a

educação infantil como uma importante estratégia para o cuidado de seus próprios filhos, que as liberaria para o trabalho profissional.

Alberta optou por uma estratégia diferente quando precisou voltar ao trabalho após o nascimento da filha, conforme mostra o diálogo a seguir:

- Eu tive sorte, porque na época eu trabalhava numa empresa, que além da licença, permitiu que eu tirasse férias, que eu tinha acumulado para tirar quando ela nascesse, e de 5 meses até 1 ano a gente negociou, e eu trabalhei meio período. Tive que conciliar assim para poder amamentar, ficar mais perto. Foi muito bom. Algo assim, que eu tentei, deu certo. Nossa, foi muito bom. Achei que valeu a pena, porque era tão pequeninha, né?

- Essa foi uma iniciativa tua, você foi atrás?

- Eu fui atrás, negocieei. Negocieei o salário também, claro, né? Pela metade, eu queria fazer a metade das horas, mas para mim era importante, e ele aceitou numa boa. Foi bem legal. Eu fico pensando que seria bom se no Brasil isso fosse feito com mais frequência. As mulheres têm filhos e com 5 meses precisam deixar os filhos o dia todo.. Mãe que é mãe mesmo sofre com isso. Eu fiquei sempre muito dividida com isso. Pra mim sempre foi muito difícil trabalhar o dia todo e deixar a criança o dia todo numa escola.

- Para você então essa experiência foi essencial e não te afastou do mercado de trabalho?

- Foi. Eu conheço algumas amigas que tiveram os filhos pararam de trabalhar para ficar em casa cuidando e depois foi muito difícil para retornar. Depois de 4, 5 anos acaba ficando desatualizada. Acho que complica (ALBERTA).

Embora essa estratégia seja utilizada por muitas mulheres em outros países, como é o caso da realidade francesa, citada por Hirata (2007), no Brasil, essa não é uma prática muito frequente.

A estratégia que realmente se destacou foi a da participação da família estendida. Das quinze entrevistas efetuadas, apenas quatro não contaram com o auxílio de algum membro da família no cuidado com os filhos; uma conta com as irmãs; e dez com as avós. O papel das avós é essencial para as entrevistadas, pois muitas vezes são elas que viabilizaram a permanência no mercado de trabalho, garantindo atenção, educação e afeto a seus netos. É bastante comum as crianças frequentarem meio período em uma escola e no outro ficarem com a avó.

No horário que minha mãe não estava trabalhando. Ela trabalhava no Estado meio período. Sempre foi assim, ela sempre ficou com a minha mãe. Agora ela fica sozinha (RENATA).

Minha mãe me ajuda pra caramba. Ela fica com meu filho de manhã. Ela me ajuda bastante (TERESA).

Quando ele nasceu a minha mãe cuidava dele para mim. Nesta altura eu morava no mesmo terreno da minha mãe. Daí depois nós fizemos a nossa casa e ele já tinha 10 anos. Daí ele já ficava sozinho em casa. Ele já não queria ir para a casa da avó (SOFIA).

Anelise teve um filho de um relacionamento anterior ao atual e, logo depois do nascimento, separou-se e voltou para a casa dos pais. Quando se casou novamente o filho permaneceu com os avós:

É, porque na verdade ele é de um relacionamento anterior, e ele era bebezinho quando eu fui morar com a minha mãe. Então a minha mãe se apegou a ele, cuidou... ele se ligou mais na minha mãe e no meu pai do que comigo, daí quando eu fui morar com meu marido, minha mãe pediu por favor para que ele ficasse. Ele também não queria ir, mas todo o final de semana ele vai lá em casa (ANELISE).

A experiência de Dalva é também bastante ilustrativa. Quando teve as duas filhas, os pais moravam em outra cidade e não puderam ajudá-la e às netas. Quando a mais velha, ainda adolescente engravidou, os avós sentiram-se na obrigação de ajudar, como uma espécie de compensação, agora como bisavós, da não participação como avós. Peixoto (2005) fala em “dívida”, e que como tal “se transforma em contabilidade perpétua, o que, finalmente, dá dinâmica e significação aos vínculos familiares”.

Eles eram de Itapoá. Eles tinham um hotel lá. Meu pai arrendou o hotel quando a minha filha ficou grávida. Porque na verdade, a gravidez dela interferiu na família inteira, pelo fato de que ela era muito jovem, daí eles resolveram... já que eles não puderam ajudar nem eu, nem minha irmã com os filhos, né? Daí eles decidiram que iam fazer o papel de bisavós. Nossa, pra mim foi maravilhoso, né? Ai! Deixar em escola eu acho terrível isso, deixar o dia inteiro na escola! É deixar demais. Quando tem necessidade tudo bem, mas como eu tive essa oportunidade e a minha filha também, né? Até hoje a minha mãe fica com ele. É ela que se preocupa com ele. A gente só faz quando chega em casa. Ela fica com ele de manhã e ele estuda a tarde. A parte da manhã é dela, da avó (DALVA).

Novamente fica claro que permanece com a mulher a responsabilidade pelo trabalho de cuidado, pois embora em alguns momentos apareça a participação dos avós, essa é ainda pouco significativa. É interessante notar também, que nos discursos das entrevistadas são as mães das mulheres mães,

que fazem esse papel. Conciliar, ou arrumar estratégias é uma questão de mulheres com outras mulheres.

A participação da sogra não foi visível nesta pesquisa, confirmando a tendência matrilinear da sociedade brasileira no cuidado dos filhos.

A esse respeito, Durán (2007) falou que na Espanha, uma greve das avós no cuidado dos netos seria mais decisivo que a greve de condutores de ônibus ou controladores aéreos. Pelos resultados desta pesquisa, também no Brasil, uma greve das avós teria um impacto bastante significativo.

O Brasil segue o exemplo dos países europeus latinos, como Portugal, Espanha e Itália, que valorizam e reforçam os laços familiares, situação pouco percebida nos demais países europeus e norte-americanos.

3.2.4 PADRÕES DE EXECUÇÃO DAS TAREFAS E TECNOLOGIA DOMÉSTICA

A análise dos discursos das entrevistadas mostrou também, por parte de algumas, um comportamento vinculado com a cultura local de valorização de limpeza e organização. Pode ter colaborado com isso, o fato de Curitiba ser considerada uma cidade com padrões de limpeza elevados. Somando-se a isso, a formação da cultura brasileira vinculada ao trabalho doméstico, conforme destacado por Carvalho (2008), associa a cozinha com consultórios médicos, cuja necessidade de higienização é primordial. Pode-se acrescentar ainda, os manuais de economia doméstica do início do século XX no Brasil, citados pela referida autora, que ensinavam as mulheres brasileiras a administrar, organizar e limpar o seu lar, valorizando o capricho, a ordem e a higiene. Coincide também com as afirmações de Maria Ângela D'Incao sobre os valores burgueses na formação do ideal de feminilidade, organização familiar e higienização.

As entrevistas mostram que, em maior ou menor grau, esses fatores ainda estão presentes no ideário feminino curitibano:

Sim, para mim é um orgulho ver meu marido arrumadinho, bem limpinho, a minha filha igualmente, quando chega uma visita na minha casa e vê a minha casa bem limpinha. Se não tivesse tudo isso feito, eu ficaria mal. Eu prefiro fazer mais e manter arrumado, do que os outros vejam que não está feito. Eu prefiro...

Eu faço a geral no sábado, mas todo dia, como diz a minha filha, eu já entro com a vassoura na mão. Pelo menos um paninho básico no banheiro eu tenho que passar. Todos os dias. Eu faço a noite antes de dormir, ou de manhã cedo, antes de trabalhar. Eu não posso ver um pelinho naquele tapete da minha sala, daí eu passo um aspirador. Sempre eu deixo limpinho antes de sair, ou de noite (RENATA).

Eu acho que a QBOA mata tudo que é micróbio e limpa melhor, né? Eles não gostam do cheiro lá em casa. Mas depois eu jogo esses produtos que tem cheiro, mas pra mim só serve para o aroma ficar bom (DALVA).

É eu gosto de viver num ambiente limpo, organizado. Tem que ter a limpeza, em primeiro lugar, né? Principalmente em cozinha, banheiro (ALBA).

Os valores preconizados pelos citados manuais continuam, de alguma forma, ainda presentes, influenciando comportamentos e colaborando para o sentimento de culpa quando as tarefas não são realizadas.

Chamou a atenção também a preocupação de Dalva com a higienização da cozinha, citando um produto à base de cloro, que possui um grande poder de desinfecção, confirmando a afirmação de Carvalho sobre a associação de cozinha e consultório médico.

Se, por um lado, os valores burgueses estão presentes na dinâmica de organização do lar dessas mulheres curitibanas, influenciando a forma de lidar com arrumação e limpeza, por outro, aparecem sinais de mudanças nesses padrões e dinâmicas, tornando-os menos rigorosos. Ao comentar sobre o trabalho da diarista, Sofia diz: “É, a gente não pode ser neurótica por limpeza, eu já aprendi há muito tempo, por que ninguém faz como você gostaria que fosse, mas você também não tem tempo para fazer, sabe?” Violeta também comenta algo semelhante, ao falar sobre sua filha: “Eu já não me estresso, eu já não sou mais aquela pessoa neurótica. Quer brincar, brinque, depois a gente limpa, eu já estou deixando passar muita coisa”.

No que se refere à tecnologia, as informações coletadas permitem afirmar, que os três grupos de tecnologia doméstica definidos por Bortolaia – infraestrutura, eletrodomésticos e mercadorias – estão disponíveis para as entrevistadas desta pesquisa. Todas moram em residências com acesso à água encanada e esgoto, eletricidade, e gás encanado ou botijão; possuem os eletrodomésticos que consideram essenciais, embora algumas tenham demonstrado interesse em adquirir secadora de roupa ou máquina de lavar e

secar roupa juntas; podem comprar os produtos de limpeza que consideram necessários para o trabalho doméstico cotidiano.

Quando perguntadas sobre qual inovação tecnológica que consideravam mais importantes, das quinze entrevistadas, dez responderam imediatamente a máquina de lavar roupa. Algumas acompanharam uma mudança radical na lavagem de roupa, comparando o trabalho de suas mães, na época em que eram crianças, com o seu próprio trabalho hoje:

Na época a minha mãe lavava no tanque, colocava para secar no varal, as vezes levava 2, 3 dias para secar a roupa. Imagine o jeans, se você não centrifugar, tirar toda aquela água, e não ficar no sol fica com aquele cheiro ruim. Hoje em dia não, eu ponho a roupa na máquina a noite. A máquina faz tudo sozinha, são raras as roupas que eu tenho que esfregar. Meu marido e minha filha não sujaram muita roupa e você põe a roupa na máquina e ela faz tudo sozinha, põe o ciclo adequado, ela vai lavando, enxaguando e centrifugando e você tira ela pronta para secar. Então eu acho que a vida está bem mais tranquila (VIOLETA).

Esses dias eu estava conversando com as minhas sobrinhas sobre máquina de lavar roupa. A minha mãe tinha uma máquina que só lavava, batia a roupa. A minha lava e centrifuga, agora na tua geração já tem a que lava, centrifuga e seca numa máquina só. Meu Deus é o sonho de toda mulher, né? (SOFIA).

Para essas mulheres, a máquina de lavar roupa é um avanço tecnológico importante como poupador de tempo e esforço, que facilitou significativamente uma das tarefas domésticas mais exaustivas.

Além da máquina de lavar, Sofia fala do micro-ondas, do aspirador e dos pisos. O micro-ondas, presente nas residências das entrevistadas, tem sido utilizado essencialmente para esquentar alimentos, servindo como poupador de tempo e serviço de limpeza de panelas, já que pode ser feito, isto é aquecido, até no próprio prato da refeição. Além disso, é um eletrodoméstico de fácil manuseio, podendo ser operado por qualquer pessoa, inclusive crianças.

O aspirador de pó não estava presente na maioria das casas das mães das entrevistadas, sendo considerado um avanço tecnológico, sobretudo nas casas onde o revestimento é carpete. Porém os pisos cerâmicos e o carpete de madeira, ou piso laminado, foram os mais elogiados como poupadores de esforço e tempo na limpeza de casa:

Cera no chão, nossa o que é que é aquilo? Ficar ajoelhada no chão encerando, né? Hoje em dia tem cera líquida. Os pisos são mais fáceis também. Isso aqui (mostra o chão que é de parquet/ a entrevista foi feita na empresa, cujo escritório é numa casa antiga) ninguém mais tem em casa. A não ser que goste e tenha empregada em casa (SOFIA).

Minha mãe, hoje, mora numa casa menor do que a gente morava antigamente, minha casa nunca foi muito grande, minha casa tinha 70, 80 m², mas era assoalho de madeira, então o assoalho sempre tinha que estar brilhando. E na cozinha você pingava água no chão, já saía a cera, ficava aquele chão branco, ficava horrível, então depois, muito tempo depois, que a gente mudou para aquela casa, que minha mãe pôs uma cobertura no chão da cozinha, daí você não precisava encerar toda a semana, você podia encerar uma vez por mês, 2 vezes por mês. Daí ela colocou uma cobertura que facilitou mais, não tinha que passar palha de aço no chão, encerar, passar enceradeira, então facilitou mais. No início era cera toda semana, prá deixar o chão brilhando, por que senão ficava feio né? E hoje é muito difícil você ver uma casa com assoalho de madeira, hoje é mais revestimento. A casa da minha mãe hoje está bem prática, você passa uma vassoura, e a minha casa também, não precisa encerar porque fica muito liso né? Você fica escorregando e caindo, então facilitou bastante. Hoje você dá uma varrida, passa um produto para deixar o chão brilhando (VIOLETA).

Também não uso cera. Quando comprei os vendedores avisaram que não era para usar cera. Eu lembro que minha avó usava palha de aço e aquela coisa que eu não lembro o nome, tinha uma parte que era de ferro...

Vassourão?

É vassourão. É para minha avó era pior ainda. Era pesado. Era um trabalho pesado (AMÉLIA).

Esta inovação tecnológica da área da construção civil, que conforme já destacado veio solucionar um problema de disponibilidade de matéria prima e ambiental, trouxe consequências importantes na execução das tarefas domésticas. A figura da mulher ajoelhada, passando cera no chão é bastante emblemática, simbolizando a dificuldade e o esforço necessário para que nossas ancestrais pudessem manter os padrões de higiene e conservação exigidos pela sociedade. As mulheres mais abastadas podiam contar com uma empregada doméstica para executar a tarefa, mas as demais tinham que executá-las, normalmente sozinhas, ou com o auxílio das filhas mulheres. No caso das entrevistadas, algumas, filhas de empregadas domésticas, testemunharam suas mães executarem a tarefa de encerar o chão na casa das patroas e em sua própria casa.

Além dos eletrodomésticos, foram citados alguns produtos de limpeza como: desengordurantes, desinfetantes, e perfumados. O tira manchas para ser

usado na lavagem de roupas foi bastante citado, como forma de evitar o serviço manual de esfregar a roupa antes de colocar na máquina.

De maneira geral, os resultados encontrados nas entrevistas efetuadas demonstram que os avanços tecnológicos, em produtos ligados ao trabalho doméstico, colaboraram como poupadores de tempo e esforço. No caso das mulheres participantes desta dissertação os resultados não coincidem com as pesquisas das autoras norte-americanas e corroboram com as críticas de Bortolaia (2003) ao afirmar que algumas dessas pesquisas são pontuais e não levam em consideração o estrato econômico e a situação geográfica.

Para essas mulheres curitibanas, de camada social emergente, que vivenciaram o trabalho doméstico sem e com a introdução de tecnologias domésticas, essas tecnologias têm um papel facilitador importante. Eletrodomésticos como lavadora de roupa, secadora de roupa, micro-ondas e aspirador de pó, assim como os pisos cerâmicos e laminados surgiram como inovações tecnológicas importantes. Algumas já conheciam, mas não tinham acesso a eles. Para elas, o cotidiano é transformado com a possibilidade de ter acesso às inovações tecnológicas de auxílio ao trabalho doméstico. Poder ter acesso à máquina de lavar roupa e secadora juntas, sobretudo numa cidade com alto grau de umidade como Curitiba, ou ainda ao piso laminado de madeira que evita o trabalho de limpar, encerar e lustrar é também um avanço em suas possibilidades de conciliação do trabalho remunerado com o trabalho não-remunerado de reprodução social.

Por outro lado, as ideias de Silver, apresentadas por Bortolaia (2003), que a redução do tempo nos trabalhos domésticos não advém da tecnologia, mas da possibilidade de compra de tempo de outras pessoas e da participação do Estado, estão de acordo com os resultados da pesquisa. Conforme já destacado, a possibilidade de contratação de empregada doméstica e de contar com vaga em Centros de Educação Infantil mantidos pelo Estado caracterizou-se como reais poupadores de tempo e facilitadores das tarefas domésticas, de acordo com o testemunho das entrevistadas.

Bortolaia cita também Jonathan Gershuny, que defendia que a divisão de gênero no trabalho dos lares não está relacionada com economia ou tecnologia, e sim, com modelos de papéis, num processo de negociação domiciliar. Isto

também foi constatado na pesquisa de campo, de forma bastante enfática, pois os arranjos entre os sexos e a participação de familiares, sobretudo as avós, têm tido impactos mais relevantes do que o emprego de tecnologia no trabalho doméstico. As entrevistadas que contam com a participação dos parceiros na responsabilidade e execução do trabalho doméstico e de cuidado com os filhos demonstraram maior tranquilidade em abordar o assunto, ao passo que as que falam sobre os conflitos pela não participação dos parceiros demonstraram emoção e dor.

Os discursos das entrevistadas tendem a mostrar que os arranjos entre os sexos, na execução das tarefas domésticas, tem um impacto mais significativo do que possibilidade de ter ou não uma inovação tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a responsabilidade sobre a sustentabilidade da vida humana remete ao entendimento do processo da divisão sexual do trabalho e mais especificamente do trabalho doméstico. A sustentabilidade da vida humana, como foi definida nesta dissertação, muito mais abrangente do que prover financeiramente é o trabalho efetivo de viabilizar a vida. É a reprodução de indivíduos em condições físicas e psíquicas para a vida individual, social e para o mercado de trabalho. Esse trabalho desvalorizado e invisível ainda permanece, na maioria dos casos, a cargo das mulheres.

Essa pesquisa constatou, conforme as informações fornecidas pelas entrevistadas, que o modelo tradicional apareceu em alguns momentos de suas vidas, quando algumas pararam de trabalhar fora do lar para cuidar de seus filhos pequenos. O de parceria também apareceu em dois casos, de forma efetiva, conforme afirmação das entrevistadas, e de maneira parcial, para algumas, cujos parceiros dividem algumas tarefas, demonstrando maior disponibilidade de participação no cuidado dos filhos e na cozinha. O modelo de delegação que pressupõe a contratação de uma empregada doméstica, que em princípio não deveria aparecer segundo os critérios de escolha das entrevistadas, apareceu através da contratação de diaristas por parte de algumas das entrevistadas. Além das diaristas, este modelo surgiu como um desejo, uma expectativa de realização futura de contratação de empregada doméstica mensalista, como uma “luz no fim do túnel”, de acordo com a fala de Amélia, visando à diminuição da carga de trabalho e a solução de conflitos. Porém, o modelo predominante é o da Conciliação, cabendo à mulher conciliar trabalho profissional e trabalho doméstico. Assim, mais uma vez é possível perceber que, coincidindo com a pesquisa teórica descrita, este é um momento de avanços e retrocessos, em que convivem tendências mais e menos equitativas.

Goffman afirma que as mulheres não foram ensinadas a reagir e, pelo que foi percebido nas entrevistas, também não foram incentivadas a negociar, ou ainda, a renegociar quando o acúmulo de tarefas e responsabilidade torna-se pesado. Nesta pesquisa e no cotidiano das mulheres, é possível verificar, em

alguns casos, a necessidade de um evento externo à questão em si como, por exemplo, um problema de saúde, para que a mulher posicione-se afirmativamente em busca da equidade na divisão do trabalho doméstico. A supervalorização do trabalho mercantilizável e, por outro lado, a invisibilidade e a desvalorização do trabalho de sustentabilidade da vida humana são fatores que colaboram com as mulheres num posicionamento mais vulnerável no momento da negociação e renegociação da divisão da responsabilidade pelas tarefas domésticas.

Foi flagrante no discurso das entrevistadas, a repetição de comportamentos, isto é, a reprodução do padrão da família de origem. Apareceram frequentemente afirmações de que elas estavam reproduzindo, algumas vezes de maneira inconsciente, outras não, a maneira de se comportar e ver a vida como suas mães. Esses comportamentos normalmente refletem uma divisão sexual do trabalho doméstico com tendências mais tradicionais. Por outro lado, algumas mães, ou sogras, que romperam com os ideais tradicionais incentivando seus filhos homens a participarem da execução das tarefas domésticas, incentivaram indiretamente a participação dos parceiros das entrevistadas, ou de suas cunhadas, conforme foi relatado. Isto mostra que a afirmação de Okin (2008), de que o ambiente doméstico é uma escola de justiça da divisão sexual do trabalho, pode também ser constatada nesta pesquisa.

Neste sentido, é importante dar visibilidade para essas questões, insistindo no debate, estimulando a reflexão e, sobretudo, a autorreflexão sobre a divisão sexual do trabalho, visando reduzir a tendência de reprodução de comportamentos automáticos e inconscientes que levam a desvalorização das atividades de sustentabilidade da vida humana.

No que diz respeito ao cuidado dos filhos, nota-se uma crescente participação masculina, embora ainda seja primordialmente uma tarefa feminina, principalmente com a presença forte das avós e da família estendida em geral. As avós tornam-se viabilizadoras do trabalho remunerado fora do lar para a grande maioria das entrevistadas, enquanto seus filhos são pequenos. Elas cumprem a dimensão subjetiva da sustentabilidade da vida humana, a afetividade e o cuidado psicológico. Para as entrevistadas, suas mães, hoje avós, permanecem cumprindo um papel definitivo na sua emancipação como cidadã e profissional, mostrando que os laços familiares continuam fortes neste grupo social.

A participação do Estado e dos empregadores é ainda bastante tímida, embora, quando mencionada, tenha sido reconhecida como significativa e de qualidade. Tanto as duas entrevistadas, que colocaram seus filhos em centros de educação infantil público, quanto a que tem auxílio financeiro para pagamento da educação pré-escolar, destacaram a importância dessa experiência como essencial para permitir a suas inserções no mercado de trabalho. Por outro lado, percebe-se que a pouca informação e o preconceito têm impedido que houvesse uma maior pressão junto ao poder público, para fazer aumentar o número de vagas no atendimento de crianças em idade pré-escolar, em período integral.

A participação do empregador é bastante rara no Brasil e, no caso das entrevistadas, apareceu somente nas organizações públicas ou nas que são a elas ligadas. A redução de carga horária para cuidar da filha após a licença maternidade¹¹, negociada por uma das entrevistadas junto a seu empregador, é também muito rara no Brasil, mesmo que isso implique em redução de salário, como foi feito no caso citado.

Ficou bastante evidente que a diminuição do número de filhos está diretamente vinculada às dificuldades financeiras e à divisão das responsabilidades pelo trabalho de cuidado. Os problemas enfrentados por essas mulheres, provocados pela necessidade de acumular o trabalho produtivo e reprodutivo, com pouca ou nenhuma participação do parceiro, do empregador e do Estado, foram apontados como elementos significativos na redução do número de filhos.

No discurso das entrevistadas nota-se que as inovações tecnológicas foram importantes poupadoras de tempo e esforço, sobretudo no que se refere à lavagem de roupa, através da máquina de lavar e dos produtos como sabões, alvejantes e tira mancha; produtos de limpeza em geral; e dos materiais de construção, principalmente dos pisos laminados de madeira. Ocorre, porém, que mesmo colaborando efetivamente para facilitar o trabalho doméstico, essas inovações, para as entrevistadas, não atuam como foco principal na divisão sexual do trabalho.

¹¹ Redução superior à prevista por lei para amamentação.

Os padrões de execução das tarefas domésticas, fortemente influenciados pelos valores burgueses da sociedade brasileira da primeira metade do século XX, foram observados nos discursos das entrevistadas. Embora tenha sido mencionado por duas entrevistadas que esses valores já estão sendo relativizados, principalmente pelo estresse que provoca para a sua perpetuação, a confirmação de mudança efetiva não ficou clara e poderia ser objeto de novos estudos.

Colocar a vulnerabilidade do ser humano no centro da discussão, entender que em algum momento da vida todos poderão estar em situação de dependência é fundamental para ampliar o conhecimento sobre a divisão sexual do trabalho doméstico, para a busca da equidade, da visibilização e valorização das atividades que permitem a sustentabilidade da vida humana.

Esta pesquisa optou por investigar o ponto de vista das mulheres na divisão do trabalho doméstico, contudo, após a análise do material empírico, percebeu-se que seria importante e enriquecedor ouvir também o discurso dos parceiros. Neste sentido, sugere-se que novos estudos sejam efetuados e que essas pesquisas procurem conhecer e entender os valores e percepções de homens e mulheres que convivem e vivem o trabalho produtivo e reprodutivo. Também seria interessante pesquisar se os filhos estão realmente sendo mais poupados das tarefas domésticas. Estariam as mães tendo menos filhos, procurando dar melhores condições e exigindo menos do que foram exigidas?

Mesmo sem a pretensão de alcançar conclusões definitivas, esta dissertação aponta para a divisão de responsabilidade pela sustentabilidade da vida humana. Acredita-se que, se a meta for à busca de uma sociedade justa, é primordial que se avance cada vez mais na divisão sexual do trabalho. Mulher, homem, Estado e empregador devem ter suas cotas de responsabilidade.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Maria Cristina L. de A.; DAMASCENO, Prisciany R.; TERTO, Luisa de M. de S.; SILVA, Renata R. da. **Arranjos familiares de crianças das camadas populares**. Psicol. estud. vol.8 no.esp Maringá 2003.

ARAUJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; SCALON, Celi (orgs). **Novas conciliações e antigas tensões?** Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed./8. reimpressão. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.

BARROS, Myriam L. de. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BORTOLAIA SILVA, Elizabeth (2003) Teorias sobre trabalho e tecnologias domésticas. Implicações para o Brasil. Disponível em: www.unicamp.br/site/publicacoes/dpct/Texto-10.doc>. Acessado em 30/09/2010.

_____. Tecnologia e vida doméstica nos lares. Cadernos Pagu (10) 1998: pp.21-52

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. 20(2) 133-184. Jul/dez/1995.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene M. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo 11870-1920. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.

CARVALHO, Marília G., Tecnologia e sociedade. In: BASTOS, João A. de S. L. de A. **Tecnologia & Interação**: publicação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE. Curitiba: CEFET/PR, 1998.

CARVALHO, Marília G.; FEITOSA, Samara; SILVA, Valter C. da. Gênero entre estudantes de tecnologia brasileiros(as) e alemães(ãs): uma comparação. **Tecnologia e Sociedade**, n. 3, 2º semestre de 2006.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam Nobre. **A Produção do Viver**. São Paulo: Sempreviva Organização feminista – SOF, 2003.

_____. Por uma economia não androcêntrica: Debates e propostas a partir da economia Feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da e TITO, Neuza (Orgs.). **Trabalhos domésticos e de cuidados**: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, 2008.

CUTCLIFFE, Stephen. La emergência de CTS como campo académico. In **Ideas, Máquinas y Valores. Los Estudios de Ciencia, Tecnología y Sociedad**. Barcelona: Anthropos, 2003.

DAGNINO, Renato, DAVIT, Amilcar & THOMAS, Hernán . El pensamiento en ciencia, tecnología y sociedad en latinoamérica: una interpretación política de su trayectoria. **Redes**, 7(6), 13-51, 1996.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: Del Priore, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

DURÁN, María Ángeles. **El valor Del tempo ¿Cuántas horas te faltan al día?** Espanha: Espasa Calpe, 2007.

FAGNANI, Jeanne; LETABLIER, Marie-Thérèse. La politique familiale française. In MARUANI, Margaret. **Femmes, genre et sociétés: l'état dês savoir**. Paris: La Decouverte, 2005.

FISHMAN, Pamela M. **O trabalho que as mulheres realizam nas interações**. In: Linguagem, Gênero, Sexualidade: clássicos traduzidos/ Robin Lakoff...[et AL.]; organização e tradução Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. – São Paulo: Parábola, 2010.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da História. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. The arrangement between the sexes, in Theory and Society, vol.4, nº 3 (1997). Tradução francesa: **L'Arrangements des sexes**. Paris: La Dispute, 2002. Coll. Le genre du monde.

Jornal Dia a Dia (MS): IPEA: Ensaio sobre um novo Brasil (06/08/2008 – 16:00) <[HTTP://desafios2.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD-CHAVE=6464](http://desafios2.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD-CHAVE=6464)>. Acessado em 10/08/2010.

KAUFMANN, Jean-Claude. **La trame conjugale**. Paris: Éditions Nathan, 1992.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, et a (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. A relação social de sexo: Da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Pro-posições** – vol. 13, N. 1 (37) – jan/abr. 2002.

KREIMER, Pablo; THOMAS, Hernán. Um poço de reflexividade o ¿de onde venimos? Estudios sociales de La ciencia y La tecnología en América Latina. In: **Producción y Uso Social de Conocimientos. Estudios de Sociología de La Ciencia y La tecnología en América Latina**. Bernal, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmas Editorial, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Habermas in Sociologia**. Tradução de Barbara Freitag e Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ática, 1993.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.

_____. **Os paradigmas sociológicos à luz das categorias de sexo**: qual a renovação da epistemologia do trabalho? In: BAÇAL, S. (Org.) **Trabalho, educação, empregabilidade e gênero**. Manaus, EDUA (Editora Universidade Federal do Amazonas), 2009, p. 173-189.

HIRATA, Helena. “Concilier” vie familiale/vie professionnal: hypothèses d’une enquête de terrain. **Communication WZB** 13/11/2004. Publicado na Feministische Studien.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 173-202, jn/abr. 2006.

LÖWY, Ilana, ROUCH, Hélène. La distinction entre sexe et genre. **Cahiers Du Genre** nº 34 – p. 5-17. L’Harmattan, 2003.

MACKENZIE, Donald & WAJMAN, Judy. Introductory essay and general issues. In: **The Social Shaping of Technology**. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1996.

MOLINIER, Pascale. Le care à l’épreuve du travail : Vulnérabilités croisées et savoir-faire discrets. In: **Le souci des autres**. Paris: Éditions de L’IEHCESS, 2005.

MOLINIER, Pascale, LAUGIER, Sandra, PAPERMAN, Patricia. **QU’est-ce que le care? Souci des autres, sensibilité, responsabilité**. Paris: Payot & Rivages, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. In: **Revista de Estudos Feministas**, 2000.

NOBRE, Miriam. Introdução à economia feminista. In: FARIA, Nalu Faria e NOBRE, Miriam (Orgs). **Economia Feminista**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista - SOF, 2002.

OKIN, Susan Moller. **Justice, genre et famille**. Paris: Flammarion, 2008.

PAPERMAN, Patricia, LAUGIER, Sandra. **Le souci des autres**. Paris: École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2005.

PEIXOTO, Clarice E. Solidariedade familiar intergeracional. In: ARAUJO, Clara e SCALON, Celi. **Gênero, família e trabalho**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PINHEIRO, Luana; GALIZA, Marcelo; FONTOURA, Natália. Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença parental como política

públicas para lidar com essas tensões. In: **Estudos feministas**. Universidade Federal de Santa Catarina. CFH/CCE/UFSC vol. 17, n. 3/2009

QUELUZ, Gilson L., LIMA FILHO, Domingos L. A tecnologia e a educação tecnológica: elementos para uma sistematização conceitual. **Educ. Tecnol.** Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 19-28, jan/jun.2005.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. In: **Educação e Realidade**. Vol. 20, nº 2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

SILVEIRA, Maria Lucia da. Repensando o trabalho de cuidados a partir das lutas das mulheres no âmbito do processo de integração continental. In: SILVEIRA, Maria Lucia da e TITO, Neuza (Orgs). **Trabalhos domésticos e de cuidados: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, 2008.

SORJ, Bila. Trabalho doméstico e de cuidados: novos desafios para a igualdade de gênero no Brasil. In: SILVEIRA, Maria Lucia da e TITO, Neuza (Orgs). **Trabalhos domésticos e de cuidados: Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, 2008.

_____. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado. Gustavo Venturi, Marisol Recamán e Suely de Oliveira (orgs). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAUJO, Clara e SCALON, Celi. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SORJ, Bila, FONTES, Adriana, MACHADO, Danielle C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 573-594, st/dez. 2007.

TRONTO, Joan. **Un monde vulnérable: Pour une politique du care**. Paris: La Decouverte, 2009.

VENTURI, Gustavo, RECAMÁN, Marisol, OLIVEIRA, Suely de (Orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - UTFPR
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA - PPGTE
ORIENTADORA: PROF. DRA. MARÍLIA GOMES DE CARVALHO
ALUNA: ANGELA KALCKMANN ROMANÓ SARTOR

QUESTIONÁRIO

TAREFAS DOMÉSTICAS

CÓDIGO DO ENTREVISTADO: _____

Idade: _____

Qual atividade remunerada fora do lar efetua?

_____ Escolaridade _____

Qual é o seu horário de trabalho?

Quantas pessoas residem no seu lar?

marido _____ filhos: menino _____ menina _____ pai _____ sogro _____ mãe _____

sogra _____ outros(identifique) _____

Qual a idade dos filhos e filhas?

Renda pessoal:

_____ até R\$ 999,00

_____ entre R\$ 1000,00 e R\$ 1500,00

_____ entre R\$ 1501,00 e R\$ 2000,00

_____ entre R\$ 2001,00 e R\$ 2500,00

Parceiro possui atividade remunerada fora do lar? Qual?

_____ Escolaridade _____

Renda do parceiro:

_____ até R\$ 999,00

_____ entre R\$ 1000,00 e R\$ 1500,00

_____ entre R\$ 1501,00 e R\$ 2000,00

_____ entre R\$ 2001,00 e R\$ 2500,00

Habitação:

- mora em casa própria
- mora em casa alugada
- mora com os pais/sogros
- mora no mesmo terreno que um parente, mas em casa separada
- pais/sogros moram com você

Auxílio na execução das tarefas domésticas e cuidado com crianças/idosos/
pessoas dependentes

- empregada
- diarista
- cuidadora
- outras (especifique)

Eletrodomésticos - possui:

- geladeira
- freezer
- fogão
- forno elétrico
- micro ondas
- centrífuga
- batedeira
- liquidificador
- máquina de fazer pão
- sanduicheira
- torradeira
- cafeteira
- aspirador de pó
- enceradeira
- máquina de lavar roupa
- secadora de roupa
- máquina de lavar louça
- outros - Quais? _____

APÊNDICE B

Execução das tarefas domésticas.

Marque no quadro abaixo qual é a participação nas tarefas domésticas dos membros da família, moradores do seu lar, quantificando de 0 a 5 a colaboração em cada tarefa. A nota 0 = não participa e 5 = se responsabiliza integralmente (dividindo ou não com outra pessoa).

	Você	Parceiro	Filha(s)	Filho(s)	Parente Especifique	Terceiros Especifique
Responsável pela tarefa						
Arrumar o quarto						
Arrumar a sala						
Limpar o quarto						
Limpar a sala						
Limpar o banheiro						
Limpar a cozinha						
Lavar louça						
Enxugar e guardar a louça						
Limpar fogão						
Acondicionar e dispor o lixo						
Cozinhar						
Lavar roupa						
Passar roupa						
Supermercado						
Alimentar os filhos						
Higiene dos filhos						
Levar em consultas médicas						
Dar remédios, fazer curativos						
Encaminhar os filhos p/ dormir						
Acordar e encaminhar os filhos						
Acompanhar a lição de casa						
Ir em reuniões na escola						
Levar/buscar filho na escola						
Alimentar adulto vulnerável(*)						
Higienizar adulto vulnerável						
Levar adulto(vulner.) em médicos						
Remédios/curativos - adulto vul.						
Consertar equipamentos						
Consertar elétricos/hidráulicos						
Cuidar animais domésticos						
Cuidar das plantas e jardim						
Manutenção/Limpeza do carro						
Outros - especificar						
Total						

(*) adulto em situação de vulnerabilidade - idosos, doente, deficiente, ... - especificar.

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caso a entrevistada não aborde, espontaneamente, os itens abaixo, solicitar que a entrevistada fale um pouco mais sobre:

- 1) modelo familiar, apreendido quando era criança;
- 2) significado e o valor atribuído às tarefas domésticas;
culpa por não fazer;
- 3) avanços tecnológicos:
papel dos eletrodomésticos como facilitadores;
consumo de alimentos semi prontos e congelados substituindo o cozinhar;
produtos de limpeza que facilitam o trabalho
- 4) vaga em Centros de Educação Infantil mantidos pelo poder público;
- 5) licenças maternidade, paternidade e para tratamento de saúde dos filhos;
- 6) conflitos vivenciados em função da divisão das tarefas domésticas:
tentar aprofundar pedindo que explique o que sentiu e como reagiu
diante dos conflitos; e como acha que poderiam ser resolvidos.
- 7) stress e acúmulo de atividades
- 8) Verificar a opinião da entrevistada sobre a relação participação na renda familiar
X participação nas tarefas domésticas